



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BRAGANÇA**

Escola Superior de Educação

**A adequação das Atividades de Animação Sociocultural
aos idosos institucionalizados na perspetiva da Educação
Social**

Miguel Ângelo Caseiro

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social*

Orientado por

Professora Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes

Bragança

2017



**INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BRAGANÇA**

Escola Superior de Educação

**A adequação das Atividades de Animação Sociocultural
aos idosos institucionalizados na perspetiva da Educação
Social**

Miguel Ângelo Caseiro

*Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Bragança para a
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social*

Orientado por

Professora Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes

Bragança

2017

Dedicatória

À minha mulher, Ana Lúcia e à minha Nhor, que esta seja a primeira das nossas vitórias.

Agradecimentos

Os primeiros agradecimentos são para os de sempre. Agradeço do fundo do coração à minha mulher Ana Lúcia Fernandes, à minha querida mãe, Maria José Pedro Caseiro, aos meus irmãos Tiago José Caseiro e Luís Carlos Caseiro por todo o apoio e importante motivação que me trouxe até a este ponto decisivo da minha vida profissional.

Agradeço também a todos os outros membros da minha família, primos e tios, tanto da minha como da minha esposa, pelo ambiente acolhedor que me proporcionaram, sendo ele também essencial para tudo o que de bom acontece, aparecendo aqui a prima Cris, pelo muito grande apoio prestado.

Não posso também de deixar de agradecer à Professora Doutora Cristina Mesquita por todo apoio e precisas instruções concedidas ao longo desta caminhada, mantendo me sempre no rumo certo para atingir o sucesso.

Um muito obrigado ao Sr. Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Macedo de Cavaleiros Alfredo Castanheira Pinto, assim como ao Francisco Castanheira Pinto, Josefa Canelha, Alexandra Bragada, José Miranda Alves e Susana Viana pelo contributo prático na Conferência “Educação do Idoso no Interior”, onde contribuíram para a minha formação e de outras pessoas com os testemunhos e conhecimentos gerados, além da oportunidade de aprender e conviver com eles todos os dias.

Obrigado à Sara, minha “colega de tese” que acompanhou todo este percurso, assim como à Daniela Pereira, por estarem lá.

Obrigado a todos os clientes e colegas do Lar do Lombo, que foram a principal motivação para este e outros trabalhos, sendo responsáveis pela minha inscrição no mestrado.

Um agradecimento especial ao meu pai e a todos os que já não estão comigo, mas estariam se pudessem, pois sei que gostariam de estar.

Resumo

A conjugação do fenómeno do aumento da esperança média de vida com a modificação das estruturas familiares e as questões laborais que levam os jovens a deslocar-se para o litoral do país, tem vindo a refletir-se nas questões dos cuidados aos idosos, na sua institucionalização e, conseqüentemente, no tipo de atividades que se podem desenvolver com pessoas institucionalizadas. Neste enquadramento, esta investigação teve como principal objetivo investigar o tipo de atividades de animação sociocultural que se desenvolvem em estruturas residenciais para idosos e qual a sua adequação aos idosos.

Este estudo face à natureza, desenvolvimento e suas implicações, utiliza a perspetiva quantitativa e qualitativa para a recolha e análise dos dados. A linha qualitativa relaciona-se com o facto de se pretender analisar a opinião, os sentimentos, as vivências, as memórias dos clientes das instituições, utilizando para o efeito a entrevista, como instrumento de recolha de dados. A linha quantitativa, foi desenvolvida através da utilização de um questionário, com o intuito de conhecer a opinião de vários técnicos que nos permitisse obter uma visão mais global e analisar as consistências e as inconsistências nas opções assumidas, relativamente as atividades que desenvolvem. Emerge deste estudo, e considerando as entrevistas, que as atividades de animação ainda são planeadas para ocupar o tempo, havendo uma maior incidência desta perspetiva nas instituições do interior. Observa-se, também, que alguns clientes revelam não ter disposição mental para a realização das atividades que lhe são propostas. Nas instituições do litoral, as ações a desenvolver são mais aceites pelos clientes, assumindo o seu gosto por se implicar nelas. Os entrevistados das instituições colaboradoras do litoral, revelam sentir-se ativos e participativos porque o que fazem, faz sentido para si e os valoriza enquanto pessoa. Relativamente ao cruzamento dos dados das entrevistas aos idosos com os facultados pelos inquéritos aos técnicos, estes revelam que existe dificuldade da parte dos técnicos da zona interior em adequar as suas atividades aos utentes, existindo uma divergência clara e perceptível entre a opinião dos técnicos com a planificação das atividades apresentadas e a opinião dos clientes entrevistados. Já nas instituições colaboradoras do litoral, parece existir uma simbiose entre o trabalho dos técnicos e a satisfação dos clientes.

Palavras-chave: envelhecimento; institucionalização do idoso; atividades de animação; animador; adequação.

Abstract

The combination of the increase in the average life expectancy with the modification of the family structures and the labor issues that lead the young people to move to the coast of the country, has been reflected in the issues of care for the elderly, in their institutionalization and, consequently, the type of activities that can be developed with institutionalized people. In this context, this research had as main objective to investigate the type of activities of socio-cultural animation that are developed in residential structures for the elderly and their adequacy to the elderly. This study, considering the nature, development and its implications, uses the quantitative and qualitative perspective for data collection and analysis. The qualitative line is related to the fact that one wants to analyze the opinion, the feelings, the experiences, the memories of the clients of the institutions, using the interview for this purpose, as an instrument of data collection. The quantitative line was developed through the use of a questionnaire, with the purpose of knowing the opinion of several technicians that allowed us to obtain a more global vision and analyze the consistencies and inconsistencies in the options assumed, in relation to the activities they develop. Considering the interviews, from this study emerges that the activities of animation are still planned to occupy the time of the elderly, having a greater incidence of this perspective in the institutions of the interior. It is also observed that some clients show that they are not mentally disposed to carry out the activities that are proposed to them.

In the coastal institutions, the actions to be developed are more accepted by the clients, assuming their liking to be involved in them. The interviewees of the coastal collaborating institutions show that they feel active and participative because what they do, makes sense for themselves and values them as a person. With regard to the cross-referencing of the interview data to the elderly with those provided by the inquiries to the technicians, they reveal that it is difficult for technicians in the inner zone to adapt their activities to the users, and there is a clear and perceptible divergence between the opinion of the technicians with the planning of the activities presented and the opinion of the clients interviewed. In coastal institutions, collaborators, there seems to be a symbiosis between the work of technicians and customer satisfaction.

Keywords: aging; institutionalization of the elderly; animation activities; Social educator; adequacy.

Índice Geral

Dedicatória	i
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Índice Geral	ix
Índice de Tabelas	xi
Índice de Figuras	xi
Introdução	1
1. Perspetivas em torno do conceito de envelhecimento	3
1.1. Razões da preocupação com o fenómeno do envelhecimento.....	3
1.2. A diversidade de perspetivas em torno do conceito de envelhecimento	6
1.3. Envelhecimento ativo.....	8
1.4. O Idoso institucionalizado.....	10
1.4.1. A institucionalização do idoso: fatores e processos.....	10
1.5. As atividades de animação com idosos em IPSS	14
1.5.1. O papel do educador social no desenrolar das atividades socioculturais	15
1.6. A necessidade de adequação das atividades de animação às características e necessidades dos clientes.....	18
1.6.1. A importância do diagnóstico do cliente.....	19
2. Metodologia	21
2.1. Fundamentação, objetivos e questões de investigação.....	21
2.2. A metodologia qualitativa e quantitativa como opção	22
2.3. Estratégias e métodos de recolha de dados.....	23
2.3.1. Planos de atividade.....	24
2.3.2. As entrevistas	24
2.3.3. Realização das entrevistas.....	25
2.3.4. Os questionários.....	27
2.3.5. Realização dos inquéritos	28
2.4. Instituições colaboradoras	29
2.4.1. Caracterização global das instituições colaboradoras.....	30
3. Apresentação e análise dos dados	35

3.1. Análise das atividades dos planos de atividade	35
3.2. Estrutura da apresentação dos dados das entrevistas	36
3.3. Estrutura e análise dos questionários aos técnicos das instituições.....	46
4. Considerações Finais	55
Anexos	65

Índice de Tabelas

Tabela 1 Blocos das entrevistas.....	25
Tabela 2 Caracterização dos Inquiridos	26
Tabela 3 Dimensões do questionário	28
Tabela 4 Codificações por instituição e entrevistado	30
Tabela 5 Quantificação da análise categorial.....	36
Tabela 6 Síntese das categoria e subcategorias.....	36

Índice de Figuras

Figura 1 - Estrutura etária da população residente, Portugal, 1991, 2001 e 2016 (INE, 2017).	3
Figura 2 - Conceções sobre a relação do técnico e clientes.....	47
Figura 3 – Grau de adequação da instituição.	48
Figura 4 - Papel da relação entre o técnico e o cliente.....	49
Figura 5 - Importância das estratégias de ação a desenvolver com os idosos.....	50
Figura 6 - Atividades desenvolvidas na instituição.	51
Figura 7 - Perceção da satisfação relativamente às atividades desenvolvidas.	52

Introdução

O presente trabalho de dissertação intitulado *A adequação das atividades de animação Sociocultural aos idosos institucionalizados na perspetiva da Educação Social*, foi elaborado no âmbito do plano de estudos do curso de Educação Social. Nele estão registadas as linhas orientadoras seguidas para responder à problemática a investigar.

Portugal, é um dos países da União Europeia com as mais elevadas taxas da população idosa com limitações nas atividades da vida diária (AVD) (Eurostat, 2011). As mudanças nas estruturas social, demográfica e económica que se fizeram sentir, nas últimas décadas, com expressão no aumento do número mulher no mercado de trabalho, a diferença da oferta laboral entre o interior e o litoral e a volatilidade das relações familiares, bem como o aumento da esperança média de vida, têm impacto na vida dos idosos e na prestação de cuidados por parte da família. De facto, a conjugação destes fenómenos, envelhecimento, modificação das estruturas familiares e despovoamento do interior do país, reflete-se claramente nas questões dos cuidados aos idosos, na sua institucionalização e, conseqüentemente, no tipo de atividades que se podem desenvolver com pessoas institucionalizadas.

Decorre daqui a importância do papel do educador social, no desenrolar das atividades socioculturais para que os idosos se sintam realizados e integrados na sua nova casa, para isso é necessário que o educador social adapte as atividades de animação às características e necessidades dos clientes e, para isso, devem realizar-se alguns diagnósticos que permitam conhecer a realidade de cada um e do grupo.

A nossa experiência profissional num lar de idosos a realizar as atividades de animação sociocultural, há pelo menos três anos, levou-nos a querer aprofundar o tema para tentar perceber se as opções que estávamos a tomar, para planificar e implementar atividades socioculturais com idosos, estaria a assumir o caminho certo. Tínhamos criado a ideia, que os idosos têm dificuldade em se integrarem em algumas atividades e parecia-nos que poderíamos encontrar novas estratégias para os motivar. Neste sentido, quisemos investigar o tipo de atividades de animação sociocultural que se desenvolvem em estruturas residenciais para idosos e qual a sua adequação aos idosos.

Este estudo face à natureza, desenvolvimento e suas implicações, utiliza a perspetiva quantitativa e qualitativa para a recolha e análise dos dados. A linha qualitativa, neste estudo,

prende-se com o facto de se pretender analisar a opinião, os sentimentos, as vivências, as memórias dos clientes das instituições, utilizando para o efeito a entrevista. Todavia, para este estudo importava, também, conhecer a opinião de vários técnicos que nos permitisse ter uma visão mais global, que nos possibilitasse realizar comparações e analisar as consistências e as inconsistências nas opções assumidas. Nesse sentido, seguimos também uma linha quantitativa, que nos permitisse recolher dados a um número mais alargado de técnicos e se encontrassem em pontos geográficos distantes.

Esta investigação estrutura-se em quatro pontos fundamentais, que passamos a descrever.

No primeiro ponto discutem-se os fatores que afirmam a preocupação social com o fenómeno do envelhecimento. Posteriormente, discutem-se em diferentes perspetivas sobre o envelhecimento, tendo em conta a necessidade de compreender as características desta fase da vida humana, para podermos enquadrar a adequação das atividades que podem ser desenvolvidas com os idosos institucionalizados.

No segundo ponto clarificam-se as linhas metodológicas seguidas no estudo. Num primeiro ponto, apresentam-se a problemática da investigação, as questões e os objetivos que conduziram a pesquisa. Numa segunda secção, esclarecemos e justificamos as opções metodológicas, caracterizamos os contextos, que nos permitiram recolher os dados, bem como os critérios de seleção dos colaboradores. Explicamos, de seguida as técnicas de recolha de dados e a forma como os organizamos e tratamos.

Num terceiro ponto apresentam-se os dados emergentes dos planos de atividades, dos protocolos das entrevistas que nos permitiram analisar as razões que conduziram os idosos à institucionalização, as interações que têm desenvolvido, as suas perceções sobre a adequação das atividades de animação, nos lares onde residem/frequentam e compreender se as atividades desenvolvidas respeitam as suas características, necessidades e a cultura. Analisam-se também os dados que emergiram dos questionários aplicados aos técnicos.

O quarto ponto, apresenta as considerações finais, através da triangulação dos dados dos diferentes instrumentos, dos quais sobressaem alguns aspetos a considerar.

1. Perspetivas em torno do conceito de envelhecimento

Na seção que a seguir se inicia discutem-se os fatores que afirmam a preocupação social com o fenómeno do envelhecimento. Posteriormente, discutem-se diferentes perspetivas sobre o envelhecimento, tendo em conta a necessidade de compreender as características desta fase da vida humana, para podermos enquadrar a adequação das atividades que podem ser desenvolvidas com idosos institucionalizados.

1.1. Razões da preocupação com o fenómeno do envelhecimento

Até à década de setenta do século XX, a preocupação com o envelhecimento era praticamente inexistente, no entanto, as transformações operadas nas últimas décadas têm levado muitos especialistas a debruçarem-se sobre esta temática.

A este propósito Fernandes (2010) refere que o envelhecimento pode ser encarado como um problema social, não só pelo progressivo e acentuado envelhecimento da população, expresso no aumento da esperança média de vida, mas também pela quebra de natalidade não havendo o devido rejuvenescimento populacional, o que se reflete na situação demográfica da Europa, e particularmente de Portugal, com repercussões a nível económico e social.

Para Cabral (2013) o que se verifica em Portugal pode ser considerado um duplo envelhecimento, na base provocado fundamentalmente pela regressão da natalidade e fecundidade (natalidade menor significa menos população em idade jovem e, indireta ou relativamente, mais população em idades mais avançadas), derivado essencialmente do aumento da esperança de vida.

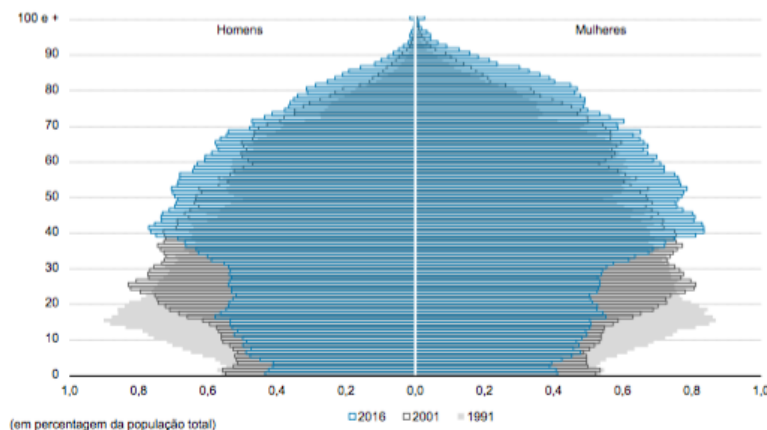


Figura 1 - Estrutura etária da população residente, Portugal, 1991, 2001 e 2016 (INE, 2017).

Conforme se salienta na pirâmide etária (Figura 1), que compara a população residente em Portugal em 1991, em 2001 e em 2016, por idades, o fenómeno do duplo envelhecimento ocorrido ao longo das últimas décadas caracteriza-se pela diminuição dos efetivos populacionais entre as idades mais jovens e, paralelamente, pelo aumento dos efetivos entre as idades mais avançadas. Verifica-se que a população com menos de 15 anos que, em 1991, representava cerca de 20% da população total, diminuiu para 16% em 2001 e em 2016 passou a representar 14% do total da população residente; por outro lado, a proporção da população com 65 e mais anos aumentou de 14% em 1991, para 16% em 2001 e em 2016 ultrapassava os 20% do total de população residente.

Ainda no estudo do INE (2017) se refere que

em Portugal, o índice de envelhecimento demográfico, que relaciona os efetivos de população idosa e de população jovem, tem vindo a aumentar. No início da década de 90 correspondia a 68 idosos por cada 100 jovens, na viragem do milénio consumou-se a sua transição simbólica para um valor acima de 100, isto é uma população com mais idosos do que jovens, e, em 2016, era já de 151 idosos por cada 100 jovens. Em duas décadas e meia a média nacional aumentou, assim, para mais do dobro (p. 94).

Este envelhecimento, nas últimas duas décadas, tem mantido a tendência crescente em todas as regiões do país e, em particular nas regiões Norte, Centro, Alentejo e na Região Autónoma da Madeira, registando as regiões do Alentejo e Centro um índice de envelhecimento superior à média nacional – 195 e 189 idosos por cada 100 jovens, respetivamente (INE, 2017).

Este fenómeno, em Portugal, conduziu à redução da população jovem e a uma diminuição do seu índice de dependência¹, que passou de 46 jovens por cada 100 pessoas em idade ativa em 1970 para 22 jovens em 2016. Em sentido inverso, o índice de dependência de idosos² aumentou de 16 idosos por 100 pessoas em idade ativa em 1970, para 33 idosos em 2016.

Nesta linha de análise o referido estudo, destaca que o índice de dependência de idosos era mais elevado em municípios localizados no interior do que no litoral e que o número de idosos por cada 100 pessoas em idade ativa era menor nos municípios integrantes e

¹ Índice de dependência de jovens: População residente com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos / População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos x 100 (INE, 2017).

² Índice de dependência de idosos: População residente com 65 ou mais anos / População residente com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos x 100 (INE, 2017).

envolventes das duas áreas metropolitanas e em alguns municípios dispersos do Centro e Algarve.

Segundo dados do Eurostat (2011), Portugal aparecia, nesse ano, como o segundo país da União Europeia com as mais elevadas taxas da população idosa com limitações nas atividades da vida diária (AVD), sendo certo que os idosos com necessidades de apoio nas AVD, deverão, neste momento ser ainda superiores.

Esta situação conjugada com as profundas mudanças que se fazem sentir nas estruturas familiares, constituem-se como uma questão que nos remete para a situação da vulnerabilidade dos idosos. Conforme salientam Carneiro, Chau, Soares, Fialho e Sacadura (2012), houve nas últimas décadas, uma reconfiguração familiar,

devido às transformações societárias relacionadas com o aumento da taxa de participação das mulheres portuguesas no mercado de trabalho, a atomização dos agregados familiares e a maior volatilidade das relações conjugais, com as alterações nos processos de trabalho centrados na tecnologia e com a globalização crescente associada tanto a potencialidades como a riscos globais. A figura da mulher doméstica constitui uma raridade (p. 44).

Neste sentido as relações familiares têm sido afetadas pelo aumento de ruturas matrimoniais e de novas formas de conjugalidade, observando-se uma reestruturação das relações, mais aberta e com menor estabilidade.

A acrescentar a este fator encontra-se o fenómeno do despovoamento. De acordo com o estudo do INE (2017) o padrão territorial observado para 2016 indicava uma maior concentração de população em municípios do Litoral, e em especial nas áreas metropolitanas, por oposição aos municípios Interior do Continente que registavam menores valores de densidade populacional, em consequência do processo de despovoamento que se tem verificado nestes territórios. A população jovem do interior do país, por questões académicas e profissionais, passa a constituir família e a viver nas zonas litorais, ficando geograficamente distante da estrutura familiar inicial.

A conjugação destes fenómenos, envelhecimento, modificação das estruturas familiares e despovoamento do interior do país, reflete-se claramente nas questões dos cuidados às pessoas idosas. Salientam Carneiro et al. (2012) que a importância da família no envelhecimento da população é dada, por exemplo, pelos estudos relativos aos cuidadores informais.

Alguns estudos afirmam que, em Portugal, tal como em outros do sul da Europa, os familiares (mulheres, pais, maridos, etc.) ainda são os cuidadores das pessoas idosas que têm dificuldades nas atividades da vida diária (Comas-Herrera, & Wittenberg, 2003). Contudo, e dada realidade que se documentou, neste momento, parece existir alguma dificuldade, para que os descendentes diretos possam continuar a ser cuidadores dos seus idosos, revelando-se, desta forma, a importância das respostas sociais para atender às necessidades, relativamente a serviços de saúde e apoio social às pessoas idosas mais dependentes.

1.2. A diversidade de perspetivas em torno do conceito de envelhecimento

A definição de envelhecimento, pela complexidade que envolve, levou à construção de diferentes definições. Algumas dessas perspetivas centram-se apenas numa das dimensões que abarca esta fase da vida humana, outras procuram encontrar a multidimensionalidade que ela envolve, procurando descrever as inter-relações que se estabelecem entre as diferentes dimensões. Existem, por isso, três tipos de teorias que explicam os fenómenos do envelhecimento: as que se centram nos aspetos biológicos, as que focam os aspetos psicológicos e as teorias que consideram os aspetos sociais.

O envelhecimento é um processo biopsicossocial que resulta na perda de capacidade ao longo do tempo. Esse declínio é gradual e pode variar significativamente de indivíduo para indivíduo, de acordo com suas características genéticas, morfológicas e funcionais (Mendes, Almeida & Dias, 2015).

O envelhecimento numa perspetiva biológica define a diminuição da eficiência das funções corporais com uma série de mudanças morfológicas, psicológicas, bioquímicas e funcionais que ocorrem como resultado do tempo convergente para uma dificuldade em responder a estímulos internos e externos (Alba, 1986). A este propósito Hespanha (1993) considera que o processo biológico de envelhecimento é contínuo e progressivo e assemelha-se mais a um declive regular do que a um degrau de uma escala.

De acordo com Henrard (1997) o envelhecimento biológico é um conceito que pode ser entendido em dois aspetos: a senescência (envelhecimento normativo) como expressão do decorrer do tempo biológico, e o avanço da idade como o desenrolar do tempo cronológico. Neste sentido o autor refere que o envelhecimento é geralmente definido como o conjunto de processos biológicos que, à medida que as pessoas envelhecem, as tornam mais sensíveis aos fatores que podem levar à morte. A morte pode ocorrer por causa do declínio da capacidade de adaptação do corpo para manter suas funções internas diante da agressão externa, como doença ou acidentes. Os processos de envelhecimento atendem a

quatro critérios amplamente aceites: universal, progressivo, endógeno e degenerativo. Neste sentido, o envelhecimento pode ser considerado como multiforme, constituído por um complexo de alterações endógenas dentro do organismo mais ou menos relacionado a acumulação o de efeitos deletérios a nível molecular. As alterações celulares resultam em alterações morfológicas do tecido degenerativo e uma diminuição no desempenho fisiológico e em certas funções intelectuais. O autor considera, contudo, que os aspetos biológicos, não explicam todo o processo de envelhecimento, uma vez que pessoas com a mesma idade observam alterações físicas muito distintas.

Henrard (1997) explica, também a perspetiva psicológica e a forma como ela interfere no envelhecimento de uma pessoa. Assim, o autor, refere que o envelhecimento se reflete principalmente no declínio das funções intelectuais.

Na psicologia do desenvolvimento, os últimos estádios da vida correspondem à busca da integridade, isto é, a busca do significado para a própria vida e sua relação com em relação a mundo para enfrentar o desespero e o desgosto que estão esperam O desespero pode ser expresso por uma sensação de fracasso e não ter mais tempo para recuperar a integridade e o receio de desgosto com os outros, especialmente os jovens.

Considera Cunha (2008), considere que mesmo que se possa definir o envelhecimento como “um processo natural que se caracteriza por modificações morfológicas, fisiológicas, psicológicas, bioquímicas” (p. 91) ele abarca também um conjunto de aspetos sociais que importa serem considerados.

Na mesma linha Almeida (2008) considera o envelhecimento é um processo natural e comum a todas as pessoas, é um facto inerente ao ciclo de vida biológico, a pessoa nasce, cresce, envelhece e morre, no entanto, este processo é vivido de diferente modo consoante o contexto social em que as pessoas se inserem.

Importa salientar que as perspetivas apresentadas sustentam que o processo de envelhecimento é um processo que envolve múltiplas dimensões físicas, psicológicas e sociais. O papel que o idoso desempenha na sociedade começa a perder relevância, nomeadamente ao nível da participação social. Nesta linha de análise Zimerman, (2000) salienta que o envelhecimento provoca:

- (i) Crise de identidade (...) pela falta de papel social, o que levará o velho a uma perda de sua autoestima;
- (ii) Mudanças de papéis na família, no trabalho e na sociedade. Com o aumento de seu tempo de vida, ele deverá se adequar a novos papeis.

- (iii) Situação de reforma, já que, ao aposentar-se, ainda restam à maioria das pessoas muitos anos de vida; portanto, elas devem estar preparadas para não acabarem isoladas, deprimidas e sem rumo;
- (iv) Perdas diversas, que vão da condição económica ao poder de decisão, à perda de parentes e amigos, da independência e da autonomia;
- (v) Diminuição dos contactos sociais, que se tornam reduzidos em função de suas possibilidades, distância, vida agitada, falta de tempo, circunstâncias financeiras e a realidade da violência nas ruas (p. 27).

Consideramos que o processo de envelhecimento nas diferentes vertentes, biológica e psicológica, mas compreendemos que a definição de *velhice*, como fase de vida é uma construção social. As ideias sobre o envelhecimento biológico e psicológico são incorporadas nas atitudes sociais ao nível da sociedade como um todo. As ideias sobre o envelhecimento que são, em grande medida, resultado das mudanças demográficas, devem ser consideradas nos estudos que se realizam sobre os idosos.

Como se referiu existe em Portugal, um índice muito elevado de dependência dos idosos, tendo muitos deles necessidades de cuidados, pois não conseguem realizar as suas atividades de vida diária. Esta ideia remete-nos para dois aspetos fundamentais, o primeiro relaciona-se com o conceito de envelhecimento ativo e o outro, decorrente deste, para o papel dos cuidadores, familiares ou instituições de acolhimento de idosos, nesse processo. Estes pontos serão abordados nas secções seguintes.

1.3. Envelhecimento ativo

O envelhecimento ativo, é um conceito que, pretende dar importância às oportunidades de saúde, participação e segurança de forma a melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que estas envelhecem.

Como refere Jardim (2014) o envelhecimento “está diretamente ligado à melhoria da qualidade de vida e satisfação com a vida” (p.1).

Conforme consideram Teixeira e Néri (2008), “as definições de envelhecimento saudável, ativo, robusto e bem-sucedido não encontram sustentação nos estudos que consideram apenas a longevidade como critério. O processo envolve múltiplos fatores individuais, sociais e ambientais, determinantes e modificadores da saúde” (p.91). Revelam ainda que a qualidade de vida não está dependente da sua longevidade, onde o “envelhecimento bem-sucedido [se] aproxima de um princípio organizacional para alcance de metas, que ultrapassa a objetividade da saúde física” (p.69). Muitos autores abordam a

questão do envelhecimento ativo, mas segundo Teixeira e Néri (2008) são infinitas as formas de sentir e avaliar a própria vida do idoso, de maneira que a interpretação literal da expressão “bem-sucedido” sugere uma noção simplista de sucesso ou fracasso, revelando ser difícil encontrar uma definição unânime.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2005) trocou o termo “envelhecimento saudável” por “envelhecimento ativo” por forma a garantir a “otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (p. 12). Verifica-se a preocupação dos centros de decisão na globalização do bem-estar e conforto do idoso não só a nível físico, mas também psicológico e social.

Conforme podemos constatar no programa de ação do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações (AEEASG) (Governo de Portugal, 2012), a Organização Mundial de Saúde (OMS), instituiu o paradigma “envelhecimento ativo” de forma a garantir um envelhecimento com melhores condições e oportunidades de garantir uma cidadania plena aos idosos. Este programa visa ultrapassar “uma visão reativa, centrada nas necessidades básicas e na qual a pessoa é um agente passivo, para uma outra, pró-ativa que reconhece a pessoa como um elemento capaz e atuante no processo político e na mudança positiva das sociedades” (Governo de Portugal, 2012, p.3).

Nas últimas décadas o conceito de envelhecimento ativo tem sido cada vez mais incorporado em discursos políticos e tem favorecido a introdução de recomendações do modelo nos seus planos nacionais de saúde e nas agendas de ação social. Assim, alguns autores parecem subscrever o uso do termo de modo natural sem dele fazer eco em problematizações nocionais, já que nele veem uma imagem positiva do envelhecimento, nomeadamente em relação à participação e inclusão social (Ribeiro, 2012).

Para Assis (2005) o envelhecimento ativo deverá ser “uma aspiração básica que potencializa o viver e depende, em grande parte, de condições sociais e políticas públicas que garantam direitos básicos de cidadania e possibilitem práticas tendencialmente saudáveis” (p.12), nomeadamente a prática de desporto, boas práticas de higiene e saúde. Não deixando de considerar que se trata de “metas complexas, em torno das quais são necessários movimentos individuais e coletivos que anunciem e apontem a construção de uma nova ordem societária” (p.12). Visando criar estruturas e mecanismos transversais a todas as áreas garantindo e assessorando os interesses dos idosos permitindo uma melhoria da qualidade de vida e um envelhecimento ativo.

1.4. O Idoso institucionalizado

Ao longo desta secção, vai ser abordada a questão da institucionalização do idoso, a relação do idoso institucionalizado com a sua família e a relação do mesmo com a instituição que o acolhe. A abordagem destes três pontos é fundamental para conseguirmos entender a importância que a instituição e a família desempenham nesta nova etapa da vida do idoso.

1.4.1. A institucionalização do idoso: fatores e processos

As condições da vida atual, caracterizadas pela distância geográfica entre os membros da família, as obrigações profissionais, bem como a “falta de tempo, de condições de espaço físico e de disposição/preparação das famílias para tomarem conta dos seus idosos, cria a necessidade de recorrer aos lares” (Pereira, 2010, p.11).

A institucionalização de um idoso requer, de si, um esforço de adaptação à instituição que o vai acolher, que implica, também a aceitação desta nova fase da sua vida. Para Jacob (2007), a institucionalização do idoso é encarada como um tempo de transição entre a independência e a dependência, referindo que a transição de um modo de vida independente - na comunidade - para um modo de vida dependente –numa instituição- coloca em jogo a resistência de qualquer idoso, uma vez que implica a passagem de um ser autónomo e livre para um ser institucionalizado, que tem de abdicar dos seus objetivos e gostos pessoais e adaptar-se a uma situação que gostaria de ter evitado (p. 9).

Conforme se referiu na secção anterior a alteração dos papéis familiares provocada, sobretudo, pela partilha dos cônjuges das responsabilidades profissionais e do sustento da casa, “levam a família a não ser capaz de resolver os problemas e necessidades dos idosos, como as necessidades físicas, psíquicas e sociais” (Fernandes, 2010, p. 39). Neste sentido, as famílias transferem as responsabilidades do cuidado dos idosos para as instituições cuidadoras.

Na opinião de Carneiro (2010), a institucionalização do idoso ocorre segundo duas perspetivas diferentes. A primeira perspetiva situa-se ao nível do próprio idoso, que, de uma forma ainda autónoma e independente, toma consciência da sua situação, do meio ambiente que o rodeia e do receio da solidão, procurando agir em seu benefício. Estes fatores aliados a testemunhos de outros em situações idênticas, formam a certeza de que a institucionalização poderá ser o melhor caminho. A outra perspetiva situa-se ao nível da própria família, existindo aqui diferentes motivações, como por exemplo: (i) a saúde do idoso, caso requeira cuidados que a família não pode dispensar; (ii) a falta de tempo dos seus descendentes para lhe prestar a devida atenção; (iii) quezílias familiares em relação à situação do idoso ou

mesmo o próprio stress que existe nos cuidadores formais que levam a uma rutura de relações. Também, a perda de suporte familiar é uma das motivações mais usuais para a institucionalização do idoso “muitas vezes o internamento em lares é o reflexo da perda do companheiro, filhos, familiares e/ou amigos” (Pinto, 2013, p. 65).

A institucionalização é um processo complexo que cria inúmeras ansiedades. Importa, por isso, que a família se mantenha coesa e unida nesta nova etapa da vida do idoso, uma vez que é essa relação de proximidade que vai permitir uma boa integração do idoso na instituição que o irá acolher. Conforme sugerem Espitia e Martins (2006) “a institucionalização, e o processo de adaptação trazem consigo mudanças radicais na vida do idoso. A convivência diária com seus familiares passa a ser fracionada por alguns dias da semana, ou alguns dias do mês” (p. 58).

Nesta acessão, o processo de integração de um idoso ao lar que o irá acolher, pressupõe o afastamento dos seus entes queridos, independentemente do número de visitas que receba. A reação do idoso à institucionalização irá definir a sua adaptação, estando esta relacionada com a relação com o meio envolvente, funcionários e a sua família. Mas esta sua adaptação, depende ainda da estratégia que a família utilizou para que fosse tomada, por parte do idoso, consciência para essa necessidade.

Se o cliente aceitou a decisão positivamente, compreendendo as circunstâncias que conduziram a esta necessidade, a sua adaptação à instituição terá maiores probabilidades de sucesso, mostrando maior abertura para o estabelecimento de novas relações e desejo de continuidade nas relações familiares, já que para si a institucionalização não será interpretada como uma quebra na relação com a sua família. Caso o processo de institucionalização não seja bem conseguido, irá verificar-se alguma resistência do idoso e uma maior dificuldade de adaptação.

Segundo Carneiro (2010), os familiares, muitas vezes cortam relações e acabam por criar falsas expectativas ao cliente acerca da instituição que o acolherá, prometendo coisas que, na maioria das vezes, não conseguirão concretizar. Qualquer uma destas situações acarreta consequências nesta relação a curto e a médio prazo.

Nos primeiros tempos, o cliente sente-se apoiado pela família, com várias visitas por semana de forma a garantir que não está sozinho e que estão sempre por perto. Contudo, o estudo de Carneiro (2010) revela que essas visitas vão diminuindo, levando o idoso a deprimir, experimentando períodos de solidão e revolta, acusando a família de falsas promessas. O idoso estando desintegrado do seu meio, sentindo falta das suas coisas e da sua

vida, isola-se do resto do grupo, recorrendo muitas vezes a conflitos para conseguir a atenção da família.

Neste sentido, torna-se de particular importância que o idoso durante o processo de institucionalização, mantenha uma rotina social e afetiva. Para que tal seja possível é necessário que os familiares continuem a fazer parte das suas rotinas diárias, através de visitas regulares, promovendo desta forma a qualidade de vida dos seus entes queridos

Neste sentido, a relação cliente (idoso) com o seu cuidador é determinante para a sua adaptação à instituição. Esta relação, forçosamente existente com o passar dos anos, da vida de quem já depende de alguém, torna-se vital também para quem passa a maior parte do dia com os clientes, os recursos humanos da instituição que o acolhe. Como refere Lopes (2007) a estadia do idoso na instituição deverá ter “um acompanhamento decente e um cuidado eficiente por parte dos trabalhadores das instituições que os acolhem” (p. 10). Esse acompanhamento “só se consegue através de uma formação cuidada e regular por parte dos trabalhadores sociais” (p. 10).

Refere Fernandes (2010), que os objetivos de quem trabalha numa instituição “são zelar pelo bem-estar biopsicossocial do idoso, prestando serviços de saúde cuidados básicos, de educação, de animação, de lazer e sociais” (p. 44). Considera também que “para prestar um serviço ao outro, é necessário conhecer bem a pessoa, a sua história de vida, as suas dores, incapacidades, as suas emoções, pois além de cuidar do corpo é necessário cuidar do bem-estar psíquico” (p.44). Para tal, o autor salienta que o técnico deve “estabelecer relações de confiança, de dignidade, ser capaz de assumir responsabilidades, deve estar motivado e mostrar empatia pelos idosos” (p.45).

Miguel, Pinto e Marcon (2007) sublinham que alguns cuidadores revelam “sentimentos pessoais sobre o envelhecimento e a idade que pode ser negativa ou estereotipada, o que pode comprometer o cuidado prestado. Essas situações podem caracterizar comportamentos ou ambientes de não-cuidado, podendo levar o idoso a atitudes de não adesão ou à falta de cooperação” (s/p).

O papel das instituições de acolhimento assume particular relevância nesta fase de integração do idoso, para que ele se sinta acolhido. Assim, é necessário o respeito pela manutenção de algumas atividades de vida diária (AVD) para que continuem a sentir a sua autonomia e independência.

Tendo em conta esta realidade, o Ministério da Solidariedade e da Segurança Social, redefiniu a legislação sobre os lares de idosos, publicando a Portaria 67/2012 de 21 de março, onde se altera a designação destas valências de atendimento, para Estruturas

Residenciais. No documento define-se Estrutura Residencial (ER) para pessoas idosas, “o estabelecimento para alojamento coletivo, de utilização temporária ou permanente, em que sejam desenvolvidas atividades de apoio social e prestados apoios de enfermagem” (ponto 2 do artigo 1.º).

Neste enquadramento consideram-se os seguintes objetivos para uma estrutura residencial:

- (i) Proporcionar serviços adequados e permanentes à problemática biopsicossocial das pessoas idosas;
- (ii) Contribuir para a estimulação de um processo de envelhecimento ativo;
- (iii) Criar condições que permitam preservar e incentivar a relação intrafamiliar e
- (iv) potenciar a integração social (artigo 3.º)

As estruturas residenciais regem-se pelos seguintes princípios de atuação:

- a) Qualidade, eficiência, humanização e respeito pela individualidade;
- b) Interdisciplinaridade;
- c) Avaliação integral das necessidades do residente;
- d) Promoção e manutenção da funcionalidade e da autonomia;
- e) Participação e corresponsabilização do residente ou representante legal ou familiares, na elaboração do plano individual de cuidados (artigo 4.º).

Compreende-se, assim, que a institucionalização dos idosos deve estar associada a um compromisso ético e de relação, tanto da parte dos familiares como das instituições de acolhimento. Neste sentido, na Portaria 67/2012 de 21 de março, assume-se que este tipo de instituições deve proporcionar os seguintes serviços:

- a) Alimentação adequada às necessidades dos residentes, respeitando as prescrições médicas;
- b) Cuidados de higiene pessoal;
- c) Tratamento de roupa;
- d) Higiene dos espaços;
- e) Atividades de animação sociocultural, lúdico-recreativas e ocupacionais que visem contribuir para um clima de relacionamento saudável entre os residentes e para a estimulação e manutenção das suas capacidades físicas e psíquicas;
- f) Apoio no desempenho das atividades da vida diária;
- g) Cuidados de enfermagem, bem como o acesso a cuidados de saúde;
- h) Administração de fármacos, quando prescritos.

Deve ainda permitir:

a) A convivência social, através do relacionamento entre os residentes e destes com os familiares e amigos, com os cuidadores e com a própria comunidade, de acordo com os seus interesses;

b) A participação dos familiares ou representante legal, no apoio ao residente sempre que possível e desde que este apoio contribua para um maior bem-estar e equilíbrio psicoafetivo do residente.

Daqui decorre, a natureza multidimensional e multidisciplinar da ação que se desenvolve com os idosos, onde se cruzam os cuidados, o saber técnico e o saber relacional. Entende-se, contudo, que a dimensão relacional é a base fundamental da ação destes técnicos, porque ela se desenvolve próxima do quotidiano dos sujeitos,

envolve a capacidade de internacionalizar e adequar a ação, personalizando-a e tornando-a significativa para os sujeitos, por outro, a responsabilidade de dar maior continuidade e unidade a esta mesma ação em torno dos diferentes momentos da vida do sujeito numa intervenção simultânea junto deles e do ambiente em que se movem” (Timoteo & Bertão, 2012, p. 22).

Será sobre os princípios que informam o trabalho de quem tem a responsabilidade de conceber e implementar atividades com os idosos, que nos propomos refletir nas secções seguintes.

1.5. As atividades de animação com idosos em IPSS

As atividades de animação sociocultural, numa perspetiva do educador social, devem ter como propósito principal a transformação das condições que impedem ou limitam a vida das pessoas no seu meio social, através da promoção de uma melhoria significativa de seu bem-estar e qualidade de vida, e de uma ação pedagógica respeitadora dos idosos. Alguns autores (Caride, 2005, Giroux, 2001). consideram que as práticas a desenvolver, nestes contextos, devem estar assentes na cultura das comunidades locais.

Contudo, esta linha de ação ainda está longe de ser conseguida. Os resultados do estudo relativos ao Projeto VIVER, integrado na iniciativa EQUAL, sublinham que as organizações que acolhem idosos se fecham em si mesmas. Emerge do estudo a visão de que as instituições não investem na ação pedagógica com os que se encontram institucionalizados. O estudo mostra que o facto de não haver um plano de ação para os idosos, se traduz numa desvalorização do conhecimento acumulado, havendo uma clara substituição da sua ação pela ação dos cuidadores, que a designam como cuidados. Olha-se

para os saberes do idoso, como conhecimento desatualizado e por isso, não relevante (VIVER, 2002, citado por Vaz da Silva, 2006).

Tendo como base esta conceitualização iremos, ao longo desta secção discutir o contributo das atividades de animação, no envelhecimento ativo dos idosos, as perspetivas enquadradoras deste tipo de atividades, bem como o papel do educador social, neste processo.

1.5.1. O papel do educador social no desenrolar das atividades socioculturais

A educação social tem como principal objetivo a integração total do indivíduo. A identidade do educador social é marcada pelo seu saber multidimensional. Conforme salienta Baptista (2006), o direito à integração social é, antes de mais, o direito à cidadania enquanto condição indispensável de uma realização humana. Tomando em consideração esta conceção, importa que os educadores sociais criem e apoiem as condições que levam a uma cidadania plena, devendo, por isso, estar capacitado para a fundamentação e a elaboração de projetos de intervenção pedagógica promotores da qualidade de vida dos indivíduos. Neste sentido tornam-se atores relevantes quer no campo da prevenção, através da prática da animação sociocultural como no da promoção de programas de apoio socioeducativo às populações (Ricardo, 2013).

Nesta aceção, o educador social deverá ter a capacidade de fundar a sua ação, em saberes teórico e pedagógicos, sustentados em valores humanos fundamentais. Para conseguir atingir esta definição de relação, o técnico deverá ter consciência de que existem elos inquebráveis, porque também demoraram algum tempo a ser construídos. O papel que o educador social assume é mais multifacetado do que a própria definição de educador social exige, não se cingindo apenas ao papel de educador social e construtor de sorrisos.

A ação do educador social implica um investimento nas interações fundadas em relações dialógicas e de compromisso ético. A este propósito Fernandes (2010) refere que o educador social deve “compreender, apoiar o indivíduo e a família a nível das suas fragilidades, na promoção do seu bem-estar e no desenvolvimento de capacidades, tendo também de saber como atuar, o que implica, necessariamente, uma visão e atuação sistemática, nestas diferentes vertentes em interação” (p.43). Uma das competências que ele deve desenvolver na sua ação é a de animador sociocultural.

Considerando a satisfação dos clientes a quem se destina, a animação a desenvolver deve atender a alguns aspetos fundamentais. Assim devem considerar-se os recursos

necessários às atividades a realizar, no sentido de conseguir potenciar a sua utilização a uma população diversificada. Nos referidos recursos, falamos da conveniente coordenação e utilização da logística disponível pela instituição, seja ela material ou humana, mas também dos recursos individuais e únicos de quem coordena a animação, o educador social.

A este propósito Batista (2014) refere que a orientação em prol da justiça e do bem comum será um dos recursos individuais que o educador social, como garante da defesa e constante crescimento do bem-estar do cliente, terá de evidenciar diariamente. Deverá ser insistente e consistente na tentativa de criar laços fortes com o seu público-alvo, valorizando-os e incentivando-os a participar, sem forçar e dando indicações claras do seu respeito pelos seus ritmos e vontades.

Para dinamizar atividades, o educador social deve ser conhecedor de técnicas e de processos que lhe permitam optar pelas estratégias, tendo em conta o contexto, a cultura e os interesses e necessidades das pessoas idosas com quem trabalha. Para tal necessita de estar em constante aprendizagem e atualização, mas também fazer o levantamento sobre as necessidades dos clientes, as potencialidades culturais do contexto e os recursos envolventes (Sousa, 2010). Neste sentido o educador social é um investigador, que parte da realidade social envolvente, para, conjuntamente com os idosos, construir um plano de ação. Deve ser um mediador que, negociando com os participantes constrói uma forma de ação solidária, integradora e multidisciplinar.

Deve assumir-se também, como um mediador de conflitos que, por vezes, surgem no seio dos grupos nas atividades realizadas, funcionando, também, como uma ponte entre os clientes e a direção técnica, propondo atividades específicas para resolver questões individuais ou coletivas. Deverá estar atento a toda e qualquer situação que possa ter influência na relação dos clientes com as atividades de animação, com o próprio educador social ou com a instituição. Considerando que uma das funções do educador social é animação sociocultural importa definir o seu perfil neste âmbito. Conforme salienta Monteiro (2012) um animador sociocultural deverá ser “um relacionador, porque estabelece positivamente a comunicação entre pessoas, grupos e comunidades e de todos eles com as instituições sociais e com os organismos públicos. Esta última característica é considerada a que melhor o define diferenciando-o de outras profissões”. Também, Silva (2009) refere que um animador sociocultural deverá ter a “perspetiva de que tem a capacidade de estabelecer uma comunicação positiva entre pessoas, grupos e comunidades e de todos eles com as instituições sociais e com os organismos públicos.” (p.39).

E neste sentido, importa que o educador social tenha, a clara noção da sua influência sobre o bem-estar e participação dos clientes e da repercussão dessa influência, em outras dimensões da relação e ação do cliente com o meio envolvente. Monteiro (2012), refere também que no trabalho com idosos institucionalizados é necessário “fazer com que alguns dos idosos não se autoexcluam de viver, devido à ideia de que apenas lhes resta esperar pela morte, de que já não servem para nada” (p.40).

Na opinião de Pereira e Antunes (2014), “a animação sociocultural com pessoas idosas é, não apenas uma das mais recentes especialidades de animação sociocultural, mas, também, a que apresenta maiores perspetivas profissionais futuras, dado o progressivo aumento da esperança de vida humana” (p.135).

A animação sociocultural deve aparecer na vida do idoso institucionalizado não apenas como um meio de ocupação do tempo livre, mas como o principal garante de um envelhecimento ativo.

Jacob (2013) define a animação para idosos como “um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso a uma vida mais ativa e mais criadora, à melhoria nas relações e comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade” (p.6). Esta perspetiva, realça os benefícios causados na personalidade e autonomia do cliente, enfatizando a importância de instituições ou lares sustentarem a sua ação numa pedagogia que contrarie a mera ocupação dos tempos livres com atividades que visam ajudá-los a passar o tempo e distrair-se. Neste sentido importa que as atividades a desenvolver com idosos resultem em dinâmicas adequadas ao seu perfil, de forma não só a melhorar a sua qualidade de vida, mas também a sua participação (Carvalho, 2013).

Segundo Reis (2012) “uma boa animação deve: (i) promover a inovação e novas descobertas; (ii) valorizar a formação ao longo da vida; (iii) proporcionar uma vida mais harmoniosa, atrativa e dinâmica com a participação e envolvimento do idoso” (p.25). Mas para que isso aconteça, o autor refere ser necessário “incrementar a ocupação adequada do tempo livre para evitar que o tempo de ócio seja alienante, passivo, rentabilizar os serviços e recursos comunitários para melhorar a [sua] qualidade de vida” (p.25), valorizando as suas “capacidades, competências, saberes e cultura (...) aumentando a sua autoestima e autoconfiança” (p.25). Esta perspetiva situa o conceito de animação na linha do respeito pelos saberes e competências da pessoa idoso, que valoriza o seu envelhecimento ativo a humanização e respeito pela individualidade de cada um, que se desenvolve numa dinâmica interdisciplinaridade, partindo da avaliação integral das suas necessidades, promovendo e sua funcionalidade e autonomia, integrando-o na dinamização das ações a desenvolver. Devemos

ainda considerara que cada idoso é único, com ritmos, culturas e processos de envelhecimento diferenciados. Neste sentido, a população residente numa ER, pode ser muito diversificada, devendo a animação sociocultural responder a tal desiderato.

Contudo, conforme salienta Jacob (2007) “a animação é sempre o “parente pobre” das prioridades das instituições, sejam públicas ou privadas com e sem fins lucrativos. Estas dirigem os seus recursos (humanos, materiais e financeiros) principalmente para a higiene, saúde e alimentação o idoso, e então se sobrar tempo e alguns meios preocupam-se com a animação.” (p. 9). Parece existir, ainda, um longo caminho a percorrer para reconhecer a participação dos idosos, como um contributo importante na definição e promoção de atividades, uma vez que, como refere o autor a “maioria das organizações se limita a fazer alguns passeios, duas ou três festas anuais e a comemorar os aniversários dos idosos, se tanto” (p. 9). Esta ideia leva-nos a problematizar o papel do educador social

1.6. A necessidade de adequação das atividades de animação às características e necessidades dos clientes.

A estratégia de ação que o educador social pretende desenvolver, terá sempre de se adequar à situação, nunca o inverso. As atividades de animação, apenas farão sentido se forem realizadas em função das características e necessidades dos clientes a quem se dirigem. Esta conceitualização pressupõe que os técnicos assumam a multiplicidade de funções e saberes que caracterizam o perfil do educador social. Conforme propõe Sequeira (2013), devem ter-se “em atenção as necessidades das pessoas frequentadoras para podermos fazer a animação, de modo a que se mostre que a velhice é bonita, dando-lhe um novo significado” (p. 48).

Conforme se salientou anteriormente as atividades de animação não devem ser concebidas para ocupar o tempo, mas sim para que o idoso se sinta ativo e participativo, numa ação que realmente faça sentido para si e o valorize enquanto pessoa. Será essa a centralidade da ação do educador social, da qual poderá decorrer a motivação para a realização. Nesta aceção Jacob (2007), refere que a motivação “é aquilo que leva os indivíduos a fazer qualquer coisa com esforço, dedicação, energia e prazer. A sua intensidade e natureza são diferentes em cada um de nós, de acordo com diversas influências, em cada momento” (p. 7). A disposição mental do idoso é assim preponderante para a realização das atividades que lhe são propostas.

Entendemos que se o idoso é chamado para uma ocupação com a qual não se identifica, este aceita a atividade, colabora de forma passiva, sem grande entusiasmo. Mas

com a devida motivação, o cliente insiste na atividade, esperando ansioso por ela, reclamando protagonismo e entrega total, terminando-a satisfeito e confiante.

Mas ainda mais importante do que motivar o idoso a participar em atividades pensadas para ele, é a sua integração nas atividades do dia a dia. A este propósito Jacob (2007), refere que a “participação ativa (...) na gestão corrente da instituição, na cooperação em atividades de rotina diária (ajudar no jardim ou na cozinha)” (p. 10), contribui para o bem-estar do cliente. O mesmo autor (2007) refere que os clientes devem ter um papel preponderante e decisivo na elaboração e planificação das atividades em que participa, referindo que:

deve-se também dar oportunidade aos idosos para que eles próprios possam propor outras atividades que sejam do seu agrado, bem como permitir que eles participem nas atividades diárias da Instituição, por exemplo, fazendo as suas camas, limpando o pó dos seus quartos, colaborando na elaboração e confeção das ementas, regando as plantas, etc., desde que tal seja do agrado deles (p. 11).

Importa ainda salientar que as atividades devem ter em conta a sua possibilidade de realização, daí a importância de as adequar, conforme se salientou, às características físicas e mentais dos clientes para que se sintam integrados e moralizados na animação.

As expectativas dos clientes em relação à animação são muitas vezes, bastante diferentes das do técnico. O que gostariam de realizar é bastante diferente do que se faz. Os desejos e gostos dos idosos são muitas vezes desvalorizados em função das ideias do educador social. Este será outro ponto a verificar na adequação das atividades.

1.6.1. A importância do diagnóstico do cliente

A palavra diagnóstico é geralmente associada à medicina como um ato de identificar uma doença ou outros problemas através dos seus sintomas ou sinais que deixa transparecer. No caso da animação, a realização de um diagnóstico não está necessariamente ligada a qualquer tipo de problema ou defeito, mas não deixa de assumir igual importância, pois os resultados obtidos irão ajudar o técnico na conceção e organização de atividades que melhor se adaptem ao cliente.

Como refere Fernandes (2010), o diagnóstico realizado aos clientes, assume vital importância na forma como se pode prosseguir a abordagem de intervenção.

No caso da animação, poderá passar por uma entrevista, que poderá assumir o carácter de uma conversa informal. Criando-se uma linha orientadora, colocando questões, não intrusivas que vão desde saber o que fazia para ocupar o seu tempo antes de entrar na instituição, até ao que gostaria de ver feito e em que gostaria de participar. Pode ainda

recorrer-se a informações constantes no processo do cliente, estabelecer relação com a sua família. Além disso, estando o educador social inserido numa equipa multidisciplinar, outras informações lhe chegarão de forma a criar um plano de ação adequado, a cada cliente e ao grupo.

Jacob (2007) revela que antes da realização de quaisquer planos de atividades, é necessário “realizar uma avaliação psicológica, social e física de cada um dos indivíduos, no sentido de perceber quais as capacidades e motivações reais de cada idoso em relação a cada uma das atividades propostas” (p.11).

Um bom diagnóstico que permita aceder ao máximo de informação possível do cliente, coloca nos um passo à frente para criar uma relação sólida e construtiva logo na fase inicial da adaptação do cliente ao meio, minimizando os problemas que aí poderão surgir, criar bases para um melhor bem-estar do cliente, gerando a sua participação em atividades que vão ao encontro do que gosta de fazer, sentindo-se confortável e capaz de participar.

A construção de bases, tal como a construção de alicerces, irá assentar no uso que o educador social irá dar às informações recolhidas no diagnóstico.

2. Metodologia

O enquadramento teórico que apresentamos nas secções anteriores, procurou seguir uma linha que sustentasse o estudo que nos propusemos realizar e que procura analisar as percepções dos técnicos e dos idosos sobre a adequação das atividades de animação sociocultural.

Nesta secção, iremos clarificar as linhas metodológicas seguidas no estudo. Num primeiro ponto, apresentam-se a problemática da investigação, as questões e os objetivos que conduziram a pesquisa. Numa segunda secção, as justificamos as opções metodológicas, caracterizamos os contextos, que nos permitiram recolher os dados, bem como os critérios de seleção dos colaboradores. Explicamos, de seguida as técnicas de recolha de dados e a forma como os organizamos e tratamos.

2.1. Fundamentação, objetivos e questões de investigação

Foram, sobretudo, razões profissionais, aquelas que nos conduziram à escolha do tema em estudo. A experiência profissional que recolhemos do trabalho num lar de idosos há 6 anos e de realizar as atividades de animação há pelo menos 3 anos, levou-nos a quer aprofundar o tema para tentar perceber se a opções que estávamos a tomar, para planificar e implementar atividades socioculturais com idosos, estaria a assumir o caminho certo. Tínhamos criado a ideia, que os idosos têm dificuldade em se integrarem em algumas atividades e parecia-nos que poderíamos encontrar novas estratégias para os motivar.

Reconhecemos que na área de ação social a aprendizagem em contexto é determinante para realizar ações bem-sucedidas. Os conhecimentos teóricos podem apontar uma direção, mas é no terreno ou na prática que se verifica se a direção apontada é a mais correta a seguir. Na relação com as pessoas, a convivência e a observação participante dos acontecimentos, a reflexão profunda sobre esses dados, são essenciais para encontrar as melhores estratégias de ação.

Estando no terreno, no contacto com as pessoas, conseguimos compreender as suas atitudes e sentimentos, bem como detetar os problemas no momento em que surgem, podendo intervir ou investigar a partir de um diagnóstico realista e, conjugando assim, a teoria com a intervenção na realidade social, com a qual contactamos.

Conforme referimos anteriormente, a profissão de educador social num lar de idosos, e após ouvir vários testemunhos conduziu-nos à questão-problema que formulamos: **Que tipo**

de atividades de animação sociocultural se desenvolvem em estruturas residenciais para idosos e qual a sua adequação ao público a que dirigem?

Neste contexto, entendemos como adequadas as atividades que consideram o bem-estar físico e psicossocial do idoso, as suas características pessoais, a cultura onde está inserido e as dinâmicas grupais e interdisciplinares proporcionadas.

Para esclarecer esta questão orientamo-nos pelas seguintes questões parcelares:

- (i) Quais as percepções dos idosos sobre a adequação das atividades de animação, nas ER onde residem?
- (ii) Quais as percepções dos técnicos sobre o papel do educador social sociocultural, o perfil que deve evidenciar e quais as atividades de animação sociocultural que mais valorizam?
- (iii) Que tipo de atividades são planificadas, pelos técnicos e onde se fundam as suas opções?
- (iv) Será que estas atividades se fundam no respeito pela diversidade dos idosos, no respeito pelas suas características e necessidades e na sua cultura?

Estas questões conduziram à formulação de vários objetivos, que se constituíram como propósitos a alcançar e que guiaram o nosso estudo:

- (i) Analisar os tipos de atividades de animação sociocultural que se desenvolvem em estruturas residenciais para idosos;
- (ii) Interpretar as percepções dos idosos sobre a adequação das atividades de animação, nos lares onde residem;
- (iii) Analisar as percepções dos técnicos sobre o papel do educador social, o perfil que este deve evidenciar e as atividades de animação social que mais valorizam;
- (iv) Evidenciar o tipo de atividades presentes nos planos anuais e semanais, procurando compreender onde se fundam as opções dos técnicos;

Depois de delimitadas as questões e os objetivos procuramos perceber qual seria a linha metodológica que melhor serviria os nossos propósitos, bem como as técnicas que melhor se adequariam aos dados que pretendíamos levantar.

2.2. A metodologia qualitativa e quantitativa como opção

A opção pela metodologia qualitativa, neste estudo, prende-se pelo facto de se pretender analisar a opinião, os seus sentimentos, as vivências, as memórias que realmente não poderão mesuráveis através de uma análise quantitativa. É muito difícil medir através

de uma análise quantitativa o sorriso e a satisfação de um cliente de um lar da terceira idade, quando uma atividade cria satisfação e sentimentos, momentos para recordar para sempre, ou que poderá esquecer. Como refere Gondim (2003) a abordagem

qualitativa destaca a diferenciação entre os dois tipos de objetos de estudo - o físico e o humano - ao admitir que, ao contrário do objeto físico, o homem é capaz de refletir sobre si mesmo e, através das interações sociais, construir se como pessoa (p. 150)

Pensamos que a linha qualitativa permitiria conhecer as concepções dos idosos e seria aquela que melhor se adaptaria à sua situação, pois “ênfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 11). E eram as percepções dos idosos queríamos conhecer. Além disso, interessava-nos mais o processo, do que os produtos, cada idoso, emprestando a sua voz ao estudo, acrescentou uma ideia, que enriquece o estudo do fenómeno nas suas múltiplas dimensões.

Todavia, para este estudo importava, também, conhecer a opinião de vários técnicos que nos permitisse ter uma visão de conjunto, que arrumasse as ideias por perspetivas e que nos possibilitasse realizar comparações e analisar as consistências e as inconsistências nas opções assumidas. Nesse sentido, seguimos também uma linha quantitativa, que nos ajudasse à recolher dados a um número mais alargado de pessoas e se encontrassem em pontos geográficos distantes.

O cruzamento de dados, levantados a partir de diferentes instrumentos, que se submetem posteriormente à triangulação, permitiu obter uma visão mais rigorosa do fenómeno em estudo, acrescentando perspetivas e cruzando modos de análise.

2.3. Estratégias e métodos de recolha de dados

Para a realização do estudo foram efetuadas diversas diligências. Em primeiro lugar, solicitámos autorização às instituições (Anexo I), para a realização das entrevistas aos idosos. Este pedido de autorização foi solicitado à Escola Superior de Educação de Bragança, que, posteriormente entrou em contacto com as instituições, através de um ofício que descrevia os objetivos da investigação.

Posteriormente, agendamos, com os técnicos, o melhor calendário e deixamos ao seu critério a escolha das pessoas a entrevistar. Pedimos aos idosos autorização para a realização da entrevista. Foi também solicitada às instituições colaboradoras, autorização para analisarmos os planos de atividade.

2.3.1. Planos de atividade

Este tema exigiu uma recolha bibliográfica sobre os planos de atividades, anuais ou até semanais, de forma a compreender o que está a ser planificado e realizado nas instituições que acolhem idosos a nível nacional. Quisemos analisar se dos planos emergia a ideia de participação dos idosos, o respeito pelas suas características e pela sua cultura e o tipo de atividades mais valorizadas. Procedemos à análise heurística dos documentos, partindo das categorias previamente definidas e que já enunciamos (Anexo II).

2.3.2. As entrevistas

As entrevistas permitem ao entrevistador ou investigador, reduzir o espaço que existe entre si e o entrevistado. As entrevistas como método de recolha de dados da investigação qualitativa, permitem ao investigador presenciar de perto as características do meio envolvente. Como referem Carmo e Ferreira (2008) “em termos globais, o objetivo de qualquer entrevista é abrir a área livre entre dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo, por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador” (p. 141).

Os mesmos autores referem também que:

ao abrir a sua área secreta, o entrevistador fornece ao entrevistado dados que lhe permitem entender a sua importância como fornecedor de informação e, por consequência, a sua utilidade para a investigação em curso. Quando é criado este tipo de entendimento, o entrevistado tem tendência a colaborar (*co-laborare* = trabalhar com) sentindo que não está a ser simplesmente utilizado ou mesmo manipulado (p.142)

Neste sentido, verificamos a importância de encarar o entrevistado como parte ativa e integrante na investigação, criando assim um ambiente de partilha. Para isso, iniciamos a entrevista, informando-o sobre a investigação em curso e da importância da sua participação, agradecendo o seu contributo.

Dada a natureza da investigação e as características dos sujeitos do estudo, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada, que segue “um conjunto de questões previamente definidas, mas que se realiza, num contexto muito semelhante ao de uma conversa informal” (Boni & Quaresma 2005, p. 75). Para realizar as entrevistas foi elaborado um guião (Anexo III) que foi validado por dois especialistas (docentes da Escola

Superior de Educação). O guião era constituído por quatro blocos temáticos, conforme se apresenta na tabela 1.

Tabela 1 Blocos das entrevistas

Blocos		Objetivos Específicos
A	Legitimação da entrevista e motivação.	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado(a)
B	Caracterização do centro e do cliente.	Conhecer a opinião do idoso acerca do ambiente do centro.
C	Opinião do idoso sobre as atividades de animação realizadas no centro.	Saber a opinião dos idosos acerca das atividades de animação desenvolvidas no lar.
D	Opinião do Idoso sobre a adequação das atividades de animação aos idosos.	Perceber a opinião do idoso sobre a realização das atividades de animação e a sua adequação as características do publico alvo (idosos).

Com o bloco A, pretendíamos legitimar a entrevista e motivar os sujeitos, para a sua colaboração. O bloco B permitia conhecer a opinião dos idosos acerca do ambiente do centro, pretendíamos também que esta fosse uma parte de livre expressão, para os colocar à vontade. No bloco C queríamos saber a opinião dos idosos acerca das atividades de animação desenvolvidas no lar, tipo de atividades, periodicidade e duração, níveis de participação. O ultimo bloco D era constituído por um conjunto de questões que nos possibilitariam perceber a opinião dos idosos sobre a realização das atividades de animação e a sua adequação as suas características, interesses e necessidades.

O guião da entrevista, depois de validado, foi também submetido à apreciação dos diretores técnicos das instituições que acederam colaborar.

2.3.3. Realização das entrevistas

Conforme se referiu anteriormente, o guião da entrevista foi enviado para aos Diretores Técnicos, das instituições colaboradoras, para que tivessem conhecimento prévio e para que escolhessem as pessoas que poderiam participar, tendo em conta as suas características, das quais enunciamos as seguintes: fluidez discursiva, permanência na instituição, disponibilidade em participar.

Foram efetuadas dezoito entrevistas, a três idosos em cada uma das seis das instituições colaboradoras, conforme se apresenta na tabela 2. Do total dos entrevistados quinze eram do sexo feminino e apenas três do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 76 e os 96 anos.

Tabela 2 Caracterização dos Inquiridos

	Entrevistados	Sexo	Idade
Instituições Litoral	ILC1	Feminino	84
	ILC2	Feminino	79
	ILC3	Feminino	82
	ILC4	Masculino	84
	ILC5	Feminino	76
	ILC6	Masculino	82
	ILC7	Feminino	81
	ILC8	Feminino	96
	ILC9	Feminino	91
Instituições do Interior	IIC1	Feminino	84
	IIC2	Feminino	86
	IIC3	Feminino	87
	IIC4	Feminino	82
	IIC5	Feminino	93
	IIC6	Feminino	91
	IIC7	Feminino	85
	IIC8	Masculino	82
	IIC9	Feminino	83

Ao efetuar as entrevistas fomos considerando as competências discursiva e de compreensão dos entrevistados e fomos adequando a forma, sem nunca alterar o conteúdo, nem os objetivos que tínhamos delineado. Quisemos que as entrevistas fossem boas conversas, pois sabíamos que tal era fundamental para conhecer os níveis de participação nas atividades, as suas preferências, mas também a sua própria perceção sobre os benefícios e a adequação das atividades de animação às suas capacidades e às suas características. Permitia também entender a opinião dos entrevistados sobre os educadores sociais, sobre a forma como as atividades estavam a ser conduzidas e até saber outros dados como a frequência com que as atividades eram realizadas e também expressar a sua opinião sobre a forma como elas poderiam ser melhoradas.

Iniciamos a entrevista informando os clientes sobre o trabalho de investigação que estávamos a realizar, esclarecendo que a sua ajuda era fundamental, para conseguir concretizar os objetivos que tínhamos delineado, porque o ator principal deste trabalho de investigação era o idoso. Por isso, pedimos a colaboração dos sujeitos e asseguramos o anonimato e a confidencialidade das informações, revelando que estas seriam somente utilizadas para fins académicos.

Solicitamos aos técnicos que nos disponibilizassem, um espaço adequado, para que as entrevistas decorressem num meio o mais sossegado possível, de modo a que a entrevista

pudesse ser gravada e também que o cliente sentisse à vontade com o entrevistador e não houvesse qualquer interlocução exterior.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas o que nos permitiu analisar o seu conteúdo a partir das categorias construídas à priori, mas também das subcategorias que emergiram dos discursos dos entrevistados (Anexo IV).

2.3.4. Os questionários

O questionário segundo Carmo e Ferreira (2008) é “usado de uma forma precisa para designar processos de recolha sistematizada, no terreno, de dados suscetíveis de poder ser comparados”. (p.139). Constitui-se como uma técnica de investigação que permite a recolha de informação diretamente de um interveniente na investigação através de um conjunto de questões organizadas segundo uma determinada ordem. É uma das técnicas mais utilizadas, pois permite obter informação, sobre determinado fenómeno, através da formulação de questões que refletem atitudes, opiniões, perceções, interesses e comportamentos de um conjunto de indivíduos.

Também Tuckman (2000) considera que o inquérito é uma das técnicas mais diretas para encontrar informação sobre determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas ou relacionadas com fenómeno. Contudo, o processo de elaboração das referidas questões não é óbvio e deve ser claramente sistematizado pelo investigador. Significa então que apesar de o paradigma da análise quantitativa ser a busca de resultados mesuráveis e quantificáveis, dependerá sempre dos objetivos da investigação, dirigida pelo investigador.

A escolha do questionário para conhecer as perceções dos técnicos de animação, sobre as atividades de animação sociocultural serviu, não só para recolher o maior número de respostas, mas também para obter respostas de vários pontos do país e obter maior diversidade.

A elaboração do questionário implicou o conhecimento antecipado de alguns aspetos da realidade em estudo e que se encontra expresso no referencial teórico que construímos.

Organizamos o questionário em 5 dimensões, com um total de 98 opções questões, distribuídas entre questões abertas, de escala e de escolha múltipla (Anexo V), conforme se apresenta na tabela 3

Tabela 3 Dimensões do questionário

Dimensões	Objetivos	Número e tipo de questões
Caracterização sociodemográfica dos inquiridos.	Caracterizar os inquiridos quanto ao sexo, à idade, habilitações académicas, anos de serviço na área; Caracterizar a instituição onde desenvolve a ação, tendo em conta o distrito e as condições dos clientes.	Oito questões, de escolha múltipla Questões abertas
Conceções sobre a relação do técnico de animação sociocultural e clientes.	Conhecer as conceções do técnico sobre o tipo de relações que um educador social deve manter com os clientes.	Dez questões de escala para classificar o grau de adequação
Papel do educador social sociocultural e relações cuidador/cliente.	Conhecer as conceções do técnico sobre o papel do educador social sociocultural tendo em conta os sua ação, princípios e atitudes	Vinte e duas questões de escala para classificar o grau de adequação
Estratégias de ação a desenvolver com idosos	Analisar as conceções do técnico sobre as estratégias que devem ser desenvolvidas com idosos.	Dezanove questões de escala para classificar o grau de importância de cada uma delas.
Atividades desenvolvidas, na instituição onde trabalha, no âmbito da animação sociocultural	Enunciar o tipo de atividades que se desenvolvem na instituição.	Dezoito questões de escala para classificar a frequência
Perceção sobre o grau de satisfação que as atividades promovem no cliente.	Evidenciar a perceção dos técnicos sobre o grau de satisfação dos clientes face às atividades que se propõem.	Dezanove questões de escala para classificar o grau a satisfação dos clientes
Adequação das atividades às características, necessidades, interesses e cultura dos clientes.	Interpretar as conceções dos inquiridos sobre o grau de adequação das atividades desenvolvidas em contexto.	Duas questões abertas.

O questionário, apesar de extenso, continha todos os indicadores, que nos pareceram adequados aos objetivos da investigação. Cada técnico demoraria a preencher o questionário cerca de 30 min, situação que era clarificada, no texto inicial do questionário. O questionário foi submetido a pré-teste, realizado com dois técnicos que aceitaram colaborar.

2.3.5. Realização dos inquéritos

Para saber a opinião dos técnicos, o questionário foi colocado online utilizando a ferramenta *Google forms*, para a sua divulgação recorremos à nossa página pessoal do *Facebook*, bem como à página de grupos de profissionais, às quais pertencemos. Foram

também enviados para aos técnicos das instituições onde se realizaram as entrevistas. No total foram obtidas 20 respostas.

2.4. Instituições colaboradoras

Para a escolha das instituições tivemos em consideração os objetivos do estudo e um conjunto de critérios que garantissem a viabilidade da investigação e fiabilidade dos dados que pretendíamos obter. Assim tivemos em consideração: i) as condições estruturais e organizacionais da instituição; ii) ser estrutura residencial; iii) a sua localização geográfica; iv) a relação de cada instituição com as atividades de animação e, v) a disponibilidade para aceitar o projeto.

Este estudo foi desenvolvido com a colaboração de seis instituições que acolhem idosos e que cumpriam os requisitos inicialmente estabelecidos, sendo três da zona litoral e três da zona interior de Portugal. Escolhemos espaços geográficos distintos, no sentido de obter dados que nos permitissem responder à questão da adequação das atividades à cultura dos idosos.

Encontramos três instituições da zona litoral, na área metropolitana do Porto e três instituições no interior do país duas localizadas no distrito de Bragança e outra no distrito da Guarda. Dadas as diferenças socioeconómicas e culturais que se observam entre estas duas zonas, esperávamos obter dados significativos para o nosso estudo.

Foi divulgado o propósito da investigação, a cada uma das instituições, tendo estas acedidos em colaborar, escolhendo três idosos para a entrevista, comprometendo-se a preencher o questionário e a ceder-nos informação relativa aos planos de atividade e outros dados que nos permitissem caracterizar as instituições. Quando contactamos as instituições solicitamos-lhes a escolha dos entrevistados, informando-as de que era importante que os potenciais entrevistados participassem nas atividades socioculturais propostas na instituição. O cliente deveria ter conhecimentos sobre as atividades praticadas para nos dar uma opinião fundamentada sobre o tema em análise, apresentando-a de livre vontade. Foram atribuídas codificações a todas as instituições, no sentido de garantir todos os procedimentos éticos, inerentes a este tipo de pesquisas. Assim IL representa as iniciais das instituições do litoral e II as iniciais das instituições do interior. A cada uma delas foi adicionado um número (123), como forma de as diferenciar. Aos idosos entrevistados foi dada a codificação de C, enquanto inicial da palavra cliente, seguida de um número diferenciador e precedido, da codificação atribuída à sua instituição, tabela 4 sintetiza esse procedimento.

Tabela 4 Codificações por instituição e entrevistado

	Codificação da Instituição	Localização	Entrevistados
Instituições Litoral	IL1	Vila Nova de Gaia	ILC1
			ILC2
			ILC3
	IL2	Porto	ILC4
			ILC5
			ILC6
	IL3	Porto	ILC7
			ILC8
			ILC9
Instituições do Interior	II1	Bragança	IIC1
			IIC2
			IIC3
	II2	Bragança	IIC4
			IIC5
			IIC6
	II3	Guarda	IIC7
			IIC8
			IIC9

2.4.1. Caracterização global das instituições colaboradoras

Procedemos de seguida à caracterização das instituições colaboradoras, tendo em conta as valências a que se dedica, o número de clientes na área atendimento aos idosos, os técnicos responsáveis e os clientes entrevistados.

Instituição do Litoral n.º 1 (IL1)

A IL1 fica situada cidade de Gaia. De todas as visitadas neste trabalho, a que maior capacidade de resposta evidencia, prestando múltiplos serviços, de onde destacamos a animação e ocupação de tempos livres. Tem capacidade para 45 clientes na ala residencial social e mais 18 suites na ala residencial privada, 20 clientes no centro de dia e 31 clientes apoio domiciliário. As estruturas são adequadas e possuem sala de estar, sala de atividades, salão de refeições, capela, biblioteca, salão de cabeleireiro, ginásio e jardins e os quartos. A instituição tem como missão albergar e proporcionar acolhimento, afeto, cuidados básicos de higiene, saúde, conforto, assistência moral e espiritual. Sustentando-se nos seguintes valores: qualidade, bem-estar e conforto.

A diretora técnica e a educadora social realizam atividades diariamente, contando com a colaboração de vários professores em diversas áreas que proporcionam outras atividades aos seus clientes.

Os clientes entrevistados foram ILC1, do sexo feminino, com 84 anos; o ILC2 do sexo feminino, com 89 anos e ILC3 do sexo feminino, com 82 anos. Todos os clientes participavam nas atividades de animação diariamente, apesar de participarem de forma mais assídua, naquelas, pelas quais têm maior preferência.

Instituição do Litoral n.º 2 (IL2)

A IL2 situa se na cidade do Porto, junto a uma Faculdade da Universidade do Porto.

Apesar de ser um lar pequeno e com lotação apenas para 13 pessoas, apresentava boas instalações e um bom equipamento e proporciona boas condições de bem-estar aos seus clientes.

A IL2 tem como missão proporcionar qualidade de vida com respeito, dignidade e atendimento personalizado, aos seus clientes. Para as atividades de animação retira claros benefícios da proximidade com a Faculdade e dos serviços de voluntariado, proporcionando aos idosos várias atividades como informática, música, passeios, leituras, escrita e ginástica, embora esta última seja da responsabilidade da educadora social da instituição.

Os clientes entrevistados foram o ILC4 do sexo masculino, com 84 anos, ILC5, do sexo feminino, com 76 anos e ILC6 do sexo masculino, com 82 anos. Os ILC4 e ILC5 participam quase que de forma conjunta em todas as atividades realizadas. O ILC6, que manifesta alguns dos problemas da Demência de Alzheimer, participa, mas depende do seu estado, nos diferentes dias.

Instituição do Litoral n.º 3 (IL3)

A IL3 situa se na cidade do Porto e tem capacidade para 18 clientes em lar e cinco em centro de dia. Apresenta boas infraestruturas e bom equipamentos, das quais resultam boas condições para os clientes. Tem como missão proporcionar melhorias na qualidade de vida e saúde dos seus clientes, sustentando-se nos seguintes valores: defesa da dignidade e da qualidade de vida de todos os clientes. As responsáveis pela animação são a educadora social e a proprietária da instituição.

Os clientes entrevistados foram o ILC7 do sexo feminino, com 81 anos, ILC8 do feminino, com 96 anos, e ILC9 do sexo feminino, com 91 anos.

Todos participam nas atividades de animação propostas, embora a ILC9, devido à falta de mobilidade não consiga participar nas atividades que requerem esforço físico devido como as sessões de leitura, nos bordados em conjunto e nas pinturas.

Instituição do Interior n.º 1 (II1)

A II1 fica situada numa aldeia que pertence ao distrito de Bragança. Trata-se de uma instituição com boas infraestruturas e excelente equipamento, contando com uma capela, jardim, ginásio, biblioteca, piscina, sala de jogos. Apresenta capacidade para 30 clientes. Tem como missão proporcionar aos clientes refeições de qualidade, boas condições de higiene, saúde e conforto, convívio e ocupação de tempos livres, potencializando uma integração social entre os vários clientes e a população local e sustenta-se no respeito, cuidado, atenção e carinho. Proporciona aos seus clientes atividades de animação diárias realizadas pela diretora técnica da instituição e pela educadora social.

As clientes que participaram foram a IIC1 do sexo feminino, com 84 anos, IIC2 do sexo feminino, com 86 anos e a IIC3 do sexo feminino, com 87 anos. Esta última cliente revelou um declínio cognitivo considerável, conseguindo mesmo assim, responder às questões.

Todas gostam das educadoras e de algumas atividades, mas gostariam de ver outras implementadas.

Instituição do Interior n.º 2 (II2)

A II2 fica localizada numa aldeia que pertence ao distrito de Bragança e tem várias respostas sociais, tem capacidade 23 em clientes em estrutura residencial e 35 em apoio domiciliário. Apresenta como missão: garantir as melhores condições para que os clientes tenham o melhor envelhecimento ativo e procuram a qualidade, o conforto e o bem-estar dos seus clientes.

Inserir-se numa aldeia com uma população considerável, sendo a maior aldeia do concelho. Além de ser um equipamento que emprega e abriga bastantes pessoas e com excelentes condições, materiais e humanas. As estruturas físicas são compostas por um salão de convívio, sala de ginástica, sala de enfermagem, refeitório, sala de estar e jardim. As atividades são promovidas pela educadora social sociocultural. Parece existir um clima relacional muito positivo na instituição.

As clientes entrevistadas foram o IIC4 do sexo feminino, com 82 anos, IIC5 do sexo feminino, com 93 anos e IIC6 do sexo feminino, com 91 anos. Nenhum dos entrevistados

sabia ler ou escrever, havendo a necessidade, em conjunto com a educadora social, de adequar a linguagem de forma a conseguir a obter respostas. Todas elas gostam das atividades propostas e da educadora social, embora seja um número de participantes muito reduzido além de nem todas conseguirem realizar as atividades, a frequência com que são realizadas é bastante irregular e curta.

Instituição do Interior n.º 3

A II3 localiza-se numa aldeia do distrito da Guarda e fica situada numa zona de difícil acesso, o que dificulta a mobilidade. Dá resposta a 36 clientes em estrutura residencial e a oito no centro de dia. Tem como missão garantir as melhores condições para que os clientes tenham o melhor envelhecimento ativo. Constitui-se como uma resposta social com boas infraestruturas e equipamento. A animação é executada e planificada pela educadora social, sob supervisão da diretora técnica.

As clientes que concordaram colaborar connosco foram o IIC7 do sexo feminino, com 85 anos, IIC8 do sexo masculino, com 82 anos, que revela limitações visuais graves e o IIC9 do sexo feminino, com 83 anos.

Segundo as respostas obtidas, todos eles gostam da educadora social e das atividades, embora não se realizem com muita frequência devido à indisponibilidade laboral da educadora social e da Diretora Técnica.

3. Apresentação e análise dos dados

Seguidamente apresentaremos os dados emergentes dos planos de atividades, dos protocolos das entrevistas que nos permitiram analisar as razões que conduziram os idosos à institucionalização, as interações que têm desenvolvido, as suas perceções sobre a adequação das atividades de animação, nos lares onde residem/frequentam e compreender se as atividades desenvolvidas respeitam as suas características, necessidades e a cultura. Analisam-se também os dados que emergiram dos questionários aplicados aos técnicos.

3.1. Análise das atividades dos planos de atividade

A análise dos planos de atividades (Anexo ii) revela que existe uma preocupação em todass as instituições em organizar Atividades da vida diária (AVD); Atividades com a comunidade; Atividades de calendário e Atividades de animação.

Dentro das atividades da vida diárias incluem-se atividades realizadas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar). As atividades com a comunidade Intercâmbio integram encontros intergeracionais com as crianças do Jardim-de-infância e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com Bibliotecas integração em Projetos de leitura com escolas, atividades com outros centros e lares de idosos.

Nas atividades de animação são descritas: (i) estimulação da atividade física, através atividades física, sessões de ginástica, caminhadas pela freguesia; (ii) atividades religiosas, como rezar o terço, assistir à eucaristia, realizar a exposição do santíssimo; (iii) estimulação Cognitiva através da leitura jornais (Solidariedade, Nova Guarda, Terras da Beira) e revistas (Missão, Além-mar e Audácia, Maria...) para manter o idoso atualizado, visionamento de programas televisivos de maior interesse; (iv) realização de jogos de despertar sensorial; realização de jogos de encaixe e de memória.

São descritas atividades como a Comemoração do Dia Internacional dos Museus, Passeios a outras instituições, passeio de barco no Douro; e piquenique na Foz do sabor, visionamento de Filmes, recolha de Canções tradicionais, realização de jogos de mesa (dominó, cartas, damas, bingo...); recolha de saberes (orações, rezas, canções, provérbios, adivinhas, lendas, histórias...) junto dos idosos do Lar e Centro de Dia, realização de atividades com instrumentos musicais, realização de trabalhos manuais e realização de jogos em grupo.

Nos planos de atividades não se observam grandes diferenças entre as propostas das instituições do interior e as instituições do litoral. Contudo, como se observou nas entrevistas a descrição realizada pelos clientes do litoral é muito diferente da descrição que foi efetuada pelos clientes das instituições do interior.

3.2. Estrutura da apresentação dos dados das entrevistas

Para uma primeira visão global dos dados recolhidos apresentamos, na tabela 5 a distribuição por temas, categorias, subcategorias e unidades de registo decorrentes dos protocolos submetidos a análise de conteúdo.

Tabela 5 Quantificação da análise categorial

	Entrevistas aos Clientes
Temas	3
Categorias	4
Subcategorias	14
Unidades de Registo	150

O sistema de categorias foi construído tendo em consideração que estas são o elementos-chave para a análise da temática que expressa o seu significado. O tema, as categorias e as subcategorias, foram definidos à luz do discurso dos sujeitos. Da leitura dos dados resultou a definição dos seguintes temas:

- A. Institucionalização e integração;
- B. Atividades de animação sociocultural;
- C. Estratégias de animação sociocultural;

Na tabela 6 apresenta-se o resumo das categorias e subcategorias que emergiram em cada um dos blocos temáticos.

Tabela 6 Síntese das categoria e subcategorias

Tema	Categorias	Subcategorias
A. Institucionalização e integração	A1. Razões da institucionalização	A1.1. Perda do cônjuge
		A1.2. Para não estar só durante o dia
		A1.3. Para aprender
		A1.4 Problemas de saúde
		A1.5 Desentendimentos com familiares
	A2. Relações e interações	A2.1 Relação com os Técnicos e cuidadores
		A2.2 Relação com os outros clientes
B. Atividades de animação sociocultural	B1. Dinamização das atividades	B1.1 Responsáveis pela animação sociocultural
		B1.2. Tipo de atividades
		B1.3. Frequência das atividades
		B1.4 Benefícios das atividades
C. Adequação do tipo	C1. Aspetos que determinam a	C1.1. Atividades preferidas

de atividades	adequação	C 1.2. Características do educador social
		C1.3. Participação nas atividades

Na subsecção seguinte iremos apresentar e analisar os dados relativos a cada uma das categorias e subcategorias.

Institucionalização e integração

No tema *institucionalização e integração* os entrevistados expressam a sua opinião nas categorias *razões da institucionalização* e *relações e interações*, onde descrevem os fatores que os levaram a ir para a instituição e os processos de integração que têm observado, particularmente sobre as relações que estabelecem com os técnicos e com os outros clientes.

Na categoria *razões da institucionalização* os participantes do estudo, evidenciam razões de caráter emocional, físico, psicológico e social. Uma das razões mais substantiva, enunciada em cinco discursos é a *perda do cônjuge* que segundo os idosos entrevistados os levou-os a viver sozinho:

“Perdi a minha mulher e depois vim [para o lar]” (ILC4)

“Porque vivia sozinha, o meu marido faleceu e vivia sozinha” (ILC7)

“Por causa que o meu marido morreu” (ILC8)

“Porque o meu falecido marido morreu...” (ILC9)

“Vim para aqui porque morreu o meu marido” (IIC3)

Ficar sozinho representa uma forma de vulnerabilidade, quer pela solidão que se sente, quer pela perda de habilidades motoras, que lhes permitam manter-se em segurança. São as fragilidades físicas e de saúde aquelas que são mais apontadas pelos entrevistados, conforme se salienta nos seguintes discurso:

“Senti-me mal da cabeça (...) porque sabe deu-me uma trombose” (ILC5)

“Tive um AVC, estou doente e depois as minhas filhas estão a trabalhar, não podem ficar comigo” (ILC6)

“Porque estava já quase cega, e não podia ficar sozinha em casa” (IIC7)

“Porque estava doente” (IIC4)

“Deu-me aqui a trombose do lado direito, eu estava muito doente, [andava muito] nervosa” (IIC8)

Os familiares assumem o controle da decisão, porque a sua vida profissional, não lhes permite cuidar dos seus progenitores, como enuncia a ILC2 *“para não estar sozinha em casa durante o dia (...) porque não tinha ninguém, os meus filhos têm todos trabalho, não podiam tratar de mim, então acharam melhor eu vir para aqui”*, também a IIC7 revela que a perda do

marido e a falta de segurança, levaram a que os filhos a institucionalizassem, referindo: “o meu marido faleceu e vivia sozinha, andava a limpar o pó e tinha as carpetes enroladas e tropecei e por isso os meus filhos não quiseram que eu ficasse sozinha”. Também a II2 revela: “estive doente, e depois os meus filhos tinham medo que com este problema, que eu caísse das escadas abaixo”.

Esta ideia consubstancia-se nos estudos de Pinto (2013), que aponta como motivações mais usuais para a institucionalização do idoso a perda do companheiro, filhos, familiares.

A negligência e a falta de afeto também são apontadas como fatores que os levaram até às estruturas residenciais, expresso na subcategoria como revela o seguinte relato da comprova esta realidade:

“Por que vim para o lar, senhor? Olhe, até me custa dizer, mas venho. Mas vim. Porque estava com uma filha, eu tinha uma casa na aldeia muito grande. O meu marido pôs-lha em nome das filhas e depois a minha filha vendeu a casa e eu fui para pé dela. Comprou uma em Coimbra. O dinheiro não chegou, mas a minha neta pôs o que faltava. E depois, e depois, não procedia bem comigo... só queria estar sozinha ou não sei o que ela pensava! Eu via aquilo muito mau para mim. Eu estava muito doente. Nervosa. Ia ao médico, depois ela não me falava e eu tive de sair. Estive no Centro de Dia em Coimbra cinco meses. Mas depois não havia cama, ia para casa. Ia para casa, [e ela] não me falava. Ela fazia de comer para ela, eu fazia de comer para mim. E depois disse a uma pessoa para me inscrever neste lar e eu vim para cá” (IIC9).

Mas há também razões, que apontam para a importância destes serviços, como meios de valorização pessoal e como forma de se manterem ativos. A ILC3 explica: “foi o meu neto que me fez força porque eu não sei ler. Nós temos cá aulas de tudo” e acrescenta “Gosto de vir, faço cá muitas coisas, nunca paramos e assim vivo melhor”.

As razões descritas pelos entrevistados, situam-se na perspetiva, apontada por Carneiro (2010) que destaca a institucionalização como uma tomada de decisão a nível familiar, existindo diferentes motivações, tais como: a saúde do idoso que requer cuidados especializados e para os quais os familiares não se sentem preparados; a falta de tempo dos seus descendentes para lhe prestar a devida atenção, provocada pelas ocupações profissionais e, também, a existência de quezílias que levam a uma rutura de relações.

Alguns entrevistados revelam que a ida para a residência não foi a opção mais desejada, definindo que preferiam estar na sua casa ou com os seus filhos, referindo:

Eu dava carinho e davam-me carinho a mim. E era de uma filha! Pronto, eu gostava de estar ao pé dela (II8);

“Tenho que gostar [de estar aqui], não tenho para onde ir” (II7).

Na subcategoria relação com os técnicos e cuidadores, os entrevistados, revelam a influência positiva que o educador social tem sobre o seu bem-estar e participação na ação, conforme se percebe nos seguintes discursos:

As senhoras também são muito simpáticas e fazem coisas engraçadas (...)

são muito boas, muito boas! Fazem-nos muita companhia, muita companhia. (...)

Não há como não gostar” (ILC4);

Há alturas, por exemplo, pelo Natal e assim que não vêm todos os dias. Vão para fora, para casa delas, mas ligam sempre. Não passam muito tempo sem ligar e... Mas, quando estão aqui na escola, vêm sempre, vêm muitas vezes. E depois há a Dra.. A Dra. faz mais ginástica. Uma delas toca acordeão (...) Toca acordeão e nós às vezes até ainda conseguimos estalar os dedos um pouquinho assim, mas ainda estala os dedos. (ILC6)

Aprendemos a fazer as coisinhas e gostamos de aprender com ela (...) distraímos-nos muito com ela (II2).

Destacam a relação de bem-estar pela simpatia e por reconhecerem que os educadores sociais são pessoas que se relacionam bem porque estabelece positivamente a comunicação com eles. A este propósito referem os entrevistados:

“Sim, é muito boa essa rapariga, (...) é a alegria! É o que se quer” (ILC5);

“Gosto, gosto, gosto muito! E são bonitas. São muito bonitas” (ILC6);

“Gosto. Porque não havia de gostar? São umas simpáticas, não desfazendo ninguém, mas são umas simpáticas” (ILC7);

Elas são muito simpáticas para nós. São muito boazinhas para nós (IIC5).

Mencionam também a capacidade que têm para os ensinar e a competência em desenvolver atividades de animação, sendo os educadores sociais os que definem o que eles devem realizar:

“É ela que ensina e são as pessoas que pintam” (IIC7);

“Ah, ela faz coisas muito bonitas. Faz coisas para o Natal, uns arranjos. É ela enfeita o lar. Faz flores, faz coisas muito bonitas e nós ajudamos” (IIC9)

A maioria dos entrevistados assume, que estabelece relações positivas com os outros idosos, como se expressa nas seguintes afirmações

“Dou-me bem com toda a gente” (ILC1);

“Eu sou amiga de todos” (ILC2):

“Dou, dou-me bem com toda a gente, aqui dou-me bem com toda a gente” (ILC3)

“Apesar de eu estar aqui um pouco isolada, não estar no convívio lá em baixo na sala, sou amiga de toda a gente” (ILC7);

“Tenho. As pessoas que vêm, as visitas, tudo, não é? E somos nós amigas umas das outras” (ILC9)

Outros assumem que são as suas características pessoais que lhes permite estabelecer estas relações positivas:

“Toda a gente é minha amiga, nunca fiz mal a ninguém” (IIC3)

“Aqui a gente tem de se dar bem, temos de fazer por isso!” (IIC4)

“Eu tenho bom feitio, dou-me com toda a gente!” (IIC6)

“Agora gosto, são muito minhas amigas, é verdade” (IIC5)

Também há quem evidencie as preferências por alguns companheiros e uma relação mais próxima com eles e falta de cumplicidade com outros:

“Tenho aqui este meu colega, estamos sempre os dois, vamos dar passeios” (ILC4);

“Aqui sou eu e aquele senhor. De resto não...” (IIC5)

“[Tenho amigos aqui] só não tenho um” (IIC1);

“eu não sou inimiga; nada contra ninguém. Mas o senhor sabe, onde há muita gente...” (IIC7);

“[dou-me bem com toda a gente] menos com um” (IIC8)

“Tenho [vários amigos]. Mas há várias pessoas (...) que são um bocado assim falsas. O que ouvem aqui, contam além. E eu não gosto disso” (IIC9).

Apesar de não terem mencionado a ação do educador social neste âmbito, pensamos que a sua ação se deve destacar como mediador de conflitos que, por vezes, surgem no seio dos grupos nas atividades realizadas, funcionando, também, como uma ponte entre os clientes e a direção técnico, propondo atividades específicas para resolver questões individuais ou coletivas. Deverá estar atento a toda e qualquer situação que possa ter influência na relação dos clientes com as atividades de animação, com o próprio educador social ou com a instituição, conforme salienta Monteiro (2012) quando afirma que um

educador social deverá ser “um relacionador, porque estabelece positivamente a comunicação entre pessoas” (p. 93).

Atividades de animação sociocultural

A categoria atividades de animação sociocultural, subdivide-se em quatro subcategorias: *responsáveis pela animação sociocultural, tipo de atividades, frequência das atividades e benefícios das atividades.*

Os entrevistados parecem ser conscientes de quem são *os responsáveis pela animação*, sejam os educadores sociais da estrutura residencial permanentes, sejam voluntários, ou professores que vão desenvolver, com eles, atividades específicas, conforme se evidencia nos seguintes discursos:

“São professores que vêm cá. Não são elas, são professores que vêm fazer esse serviço” (ILC2);

São as meninas [referindo-se às voluntárias] (IIA);

É a D. M. que faz a educação física. (ILC4);

A menina P., que nos ensina a pintar (II2);

Vem um Sr. de Foz Coa fazer ginástica (II7).

Destacam também *o tipo de atividades* que os educadores sociais desenvolvem e que lhes dão prazer em realizar:

“Ensina-nos a ler, ensina-nos a fazer doces, ensina-nos a fazer tudo” (ILC4)

“Eu consigo fazer tudo o que as meninas fazem. Elas puxam muito, por nós. Nós pronto lemos os jornais e escrevemos às vezes, jogamos jogos e escrevemos no computador, nós também não sabíamos, mas elas lá disseram que era para a memória, procurar letras...” (ILC4)

Parecem existir diferentes tipos de atividades, que se inserem em atividades de estímulo de memória, de expressão plástica, de expressão físico-motora, idas à universidade, contudo parecem evidenciar-se diferenças significativas entre as atividades que se promovem nas instituições do litoral e nas instituições do interior. As instituições do litoral, parecem desenvolver atividades que se centram no desenvolvimento ativo da pessoa como se revela nos discursos que se seguem:

“faz muita coisa, muita coisa de mãos aqui no lar ela trabalha sempre, ela tem sempre que fazer, ela tem sempre alguma coisa para nós.” “...as atividades que eu nos pode dar e pronto para a semana vamos para a praia, segundo ela já falou

aí, e pronto temos várias saídas de vez em quando lá aparece uma saída, a gente vai” (ILC1)

“à segunda temos português, à terça matemática, à quarta informática, à quinta música e à sexta ginástica” (ILC2).

“Olhe fazemos renda, fazemos malha, no Carnaval fizemos umas marchas, e eu vou a tudo, no Carnaval e agora no S. João. No Carnaval também nos mascaramos e eu alinho em tudo” (ILC3)

“Temos ginástica... Também os jornais, a música, os jogos - jogamos muitas vezes e pronto mais coisas. Há uns tempos fomos ver o futebol e pronto” (ILC4)

“Passear até à universidade, fazemos ginástica ... vamos passear”(ILC6)

“Ginástica, jogos, cânticos que elas fazem... Rezam o terço também todos os dias.” (ILC5; ILC7);

“Cantamos, cantamos. Vem cá uma senhora rezar o terço” (ILC8);

“São muitos... São muitos jogos ou fazer tricot ou várias coisas. Ou música que a gente faz. A gente faz muita a música aqui para distrair” (ILC9).

Já as instituições do interior parecem centrar a sua ação na promoção de atividades lúdico-recreativas e ocupacionais que visam a ação dos idosos em pequenas tarefas de expressão plástica, como se expressa nas afirmações que se seguem:

“só é assim para pinturas” (IIC1);

“Que mais fazemos aqui? Aquilo ali (quadros, pinturas) olhe” (IIC2);

“Olhe pintar, olhe fizemos aqueles quadros, tudo, tudo o que se faz aqui eu gosto” (IIC3)

“bordados e aquela coisa toda assim a pintar” (IIC4)

“Desenhamos muito” (IIC5)

“A fazer ginástica, a fazer quadros, a fazer para a festinha quando cá estive o senhor bispo” (IIC6);

“Fazem joguinhos, fazem os jogos com feijões... a ginástica... e as tais pinturas”

“Ginástica, ginástica e mais nada” (IIC6; IIC7; IIC8; IIC9)

Esta enunciação parece confirmar a tendência de que muitas instituições não investem na ação pedagógica valorizadora da ação dos idosos. Tal como no estudo VIVER (2002, citado por Vaz da Silva, 2006), também este estudo mostra que o facto de não haver um plano de ação para os idosos, se traduz numa desvalorização do conhecimento acumulado, havendo uma clara substituição da sua ação pela ação dos educadores sociais.

Na subcategoria *frequência das atividades* elas parecem desenvolver-se diariamente, nas instituições do litoral, conforme se indica nas expressões: “*temos os dias da semana todos preenchidos*” (ILC2); “*sim, sim. Eles vêm cá todos os dias (...) todos os dias, elas vêm aí, as meninas*” (ILC4) e esporadicamente, em algumas instituições do interior: “*É consoante pode, a menina P. trabalha e para aqui vem 16h30, 17h00 até às 18h30 e fazemos muitas coisas.*” (IIC6); “*Se ela tem vagar, a gente faz duas vezes por semana*” (IIC7).

Relativamente à subcategoria *benefícios das atividades*, considera-se que que elas podem potenciar a atividade e aprendizagem continuada:

“*Eu acho que isto que é bom, é para nos puxar pela memória e relembrar o que aprendemos na 4.ª classe*” (ILC2);

“*Fazem bem a tudo..., a pessoa puxa pela cabeça e tudo e pronto é útil*” (ILC3)

“*Faz-nos bem. Nós estamos mais contentes. Passamos o dia mais contentes e pronto e é sempre bom ver, sabe que todos nós assim desenvolvemos um bocadinho*” (ILC6)

“*Fazem bem. Há uma estamos em convívio todas, e há outra fazem-no mexer os membros.*” (IIC1)

“*Aprende a gente a conviver melhor com todas as outras pessoas*” (IIC2)

“*Porque a gente merece. Talvez seja isso, merecemos!*” (ILC9)

Ou servem para se distraírem e para ajudarem a passar o tempo, conforme revelam os entrevistados:

“*Olhe por uma via estou distraída... Porque assim, quer dizer estou sempre ocupada com a minha cabeça...*”(ILC2);

“*É divertido*” (ILC4);

“*Já faço muita ginástica aqui*” (ILC5);

“*É reviver aquilo que já se passou há muitos anos*” (ILC7);

“*A distrair, pois (...) A passar o tempo mais rápido*” (ILC9)

“*Fazem bem, aprendemos a fazer as coisinhas e gostamos de aprender com ela*” (IIC4)

“*Fazem-me mais entretida, passa o tempo mais depressa*” (IIC5)

“*Oh tudo faz falta. Para nós que nos empata o tempo e ficam bem*” (IIC6)

“*Ajudam-me a distrair*” (IIC7)

Parecem existir emergir dos discursos duas visões de animação sociocultural, uma, que visa garantir um envelhecimento ativo, e que vai ao encontro da linha apresentada por Jacob (2013), quando refere que a animação é “um conjunto de passos com vista a facilitar o

acesso a uma vida mais ativa e mais criadora, à melhoria nas relações e comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade” (p.6). A segunda visão apresenta a animação sociocultural como uma mera ocupação dos tempos livres com atividades que visam ajudar os idosos a passar o tempo e distrair-se.

Adequação do tipo de atividades

Na categoria adequação do tipo de atividades os entrevistados expressam a sua opinião em quatro subcategorias: *atividades preferidas e participação; características do educador social; características pessoais.*

Nas *atividades preferidas* os clientes colaboradores revelam as suas preferências por diferentes atividades, realçando algumas que são dinamizadas pela instituição

“Gostava de fazer croché, malhas, eu gostava imenso de fazer...” (ILC1);

“gosto mais de matemática e informática” (ILC2);

“renda, fazemos malha... eu alinho em tudo” (ILC 3);

“Olhe, eu gosto de fazer tudo. Gosto de ler, de escrever, no computador, da ginástica” (ILC4);

“Gosto de bordar, gosto de ler, gosto de fazer sopa de letras. Há várias atividades que eu gosto de fazer. Ler, gosto muito de ler jornais, revistas” (ILC7);

“Gosto de fazer ginástica (...) gosto com uma companheira” (ILC8).

Contudo algumas *atividades preferidas* ficam condicionadas pelas questões de saúde com que cada um tem de lidar, como se expressa na afirmação da ILC8:

“Gosto de ler, mas já me falta um bocadinho a vista. Gosto de escrever, mas também já me falta um bocado a vista...E gostava de fazer malha. Antigamente fazia malha!”
Também a IIC5 revela “olhe isso, fazia na meia, remendava, fazia linhas para fazer sacos, mas agora já não posso!”

O ILC5 refere que gosta de participar nas AVD referindo que “gosto de fazer estas coisinha de ajudar a por a mesa (...) a estender uma roupinha”.

Outras atividades preferidas parecem resultar da sua própria iniciativa e a partir das habilidades e destrezas que ainda têm, como emerge das seguintes afirmações:

“Sempre gostei de bordar e continuo a bordar!” (IIC2)

“Gosto de fazer tudo, sabe o que estava a fazer agora? Estou a fazer umas almofadas para a minha cama! (...) sempre gostei muito de fazer as minhas coisinhas!” (IIC5)

Um dos clientes, parece não revelar interesse por nenhuma pelas atividades oferecidas, afirmado que o que prefere “*É comer e dormir*” (IIC4).

Relativamente às características do educador social os clientes entrevistados realçam as características humanas do educador social:

“Ela aquilo que faz, faz bem, faz com carinho e faz, pronto é atividade dela, é o serviço dela, e eu acho que ela não pode fazer mais” (ILC1);

“Ela é muito boazinha, muito carinhosa quando saímos assim” (IIC5)

As suas competências técnicas:

“Mas aquela senhora D. S. é uma artista, de pintura...Ela tem muitos estudos. Tem muito valor” (IIC7)

“Anda sempre a fazer coisas. O que eu não sei o que é que ela faz, mas sei que faz!” (IIC9);

“Quando ela vem, está habituada naquilo ela é que sabe fazer aquilo” (IIC4)

As formas com os incentivam a participar nas atividades:

“Não, elas é que nos incentivam a nós. Elas é que trazem já na cabeça e no livro. Às vezes trazem já as coisas já mais ou menos, hoje vamos a fazer isto, amanhã vamos fazer aquilo” (IIC1)

Na subcategoria *participação nas atividades* os entrevistados revelam que gostam de se envolver nas atividades e a forma como se implicam nelas:

“Gosto e agora estou a fazer pouco, gosto ainda agora entrei na marcha de S. João. “... se eu puder eu vou, gosto de ir” (ILC1)

“Gosto de fazer tudo.” (ILC2)

“ tanto faço ginástica como vou para as aulas, como faço costura, assim costura vamos até para as costureiras...” (ILC3);

“Participamos no que podemos e fazemos à vontade” (ILC4);

“Olhe faço dentro (...) do possível” (ILC5);

“nem sempre vou a essas atividades... Mas eu também tenho estado a bordar e assim” (ILC7);

“Eu não faço, não posso fazer muito” (IIC7);

“Eu gosto de fazer tudo” (IIC8);

“Às vezes vêm a pintar e eu não quero vir. Não me apetece vir. Outras vezes também fazem jogos, também não quero vir. Mas agora já venho mais” (IIC9).

Na subcategoria *adequação das atividades às suas características*, alguns entrevistados revelam a adequação das ações às suas características e vontades:

“Eu acho que sim que são adequadas” (ILC1)

“Gosto das atividades e consigo fazer tudo!” (ILC2)

“Sim, sim. Eu consigo fazer tudo...” (ILC4)

“Eu acho que sim [que são adequadas].” (ILC5)

“Sim, [são adequadas]. Não tenho problemas!” (ILC6)

“Eu estou sempre pronta para o que der e vier” (IIC6)

Outros entrevistados consideram que as atividades não são adequadas, nem apropriadas para a sua idade:

“É o que eu lhe digo. Algumas não são para mim” (IIC7)

“Não...gostaria de fazer tudo, a ver se melhorava mais um bocadinho” (IIC8)

“Não, porque isso os jogos são mais para as crianças. É mais para as crianças. Não é para mim que já sou desta idade. Para mim são outras coisas. Olhe, sabe o que gosto de fazer? Gostava de por uma horta. Andar na horta, regar, cavar. Fazer tudo. Colher. Gostava muito de hortas!” (IIC9)

“Não, não me puxa muito, mas como para não desgostar [as educadoras sociais] porque elas estão aqui é para nos dar trabalho, então faço as atividades” (IIC1)

Nesta categoria destaca-se que muitas das atividades de animação ainda são planeadas para ocupar o tempo, havendo uma maior incidência desta perspetiva nas instituições do interior. Alguns clientes revelam não ter disposição mental para a realização das atividades que lhe são propostas.

Decorre daqui que uma ocupação com a qual os idosos não se identificam, pode levar à sua aceitação, mas colaborará de forma passiva, sem grande entusiasmo, conforme se destacou em alguns discursos.

Nas instituições do litoral, as ações a desenvolver são mais aceites pelos clientes, assumindo o seu gosto por se implicar nelas. Revelam sentir-se ativos e participativos porque o que fazem, faz sentido para si e os valoriza enquanto pessoa. Ficou, contudo por identificar se os educadores sociais ou técnicos responsáveis realizavam o diagnóstico inicial sobre as características, as preferências e cultura dos clientes.

3.3. Estrutura e análise dos questionários aos técnicos das instituições

Os questionários foram respondidos por um total de 20 pessoas, das quais 2 eram do sexo masculino. A maioria (45%) encontravam-se na faixa etária dos 30 aos 40 anos, com

40% entre os 20 e os 30 e, finalmente, 15% entre os 40 e os 50 anos. A maioria dos inquiridos têm Licenciatura em Educação Social.

As instituições são, maioritariamente, do litoral (14), sendo 6 do interior do país.

Relativamente às conceções sobre a relação do técnico de animação sociocultural e clientes, os técnicos reconhecem que devem ser, principalmente, pacientes e compreensivos, valorizando qualquer tipo de esforço e repetir quantas vezes forem necessárias (Figura 2). Revelam também uma clara propensão á proximidade com os seus clientes, achando que tal proximidade trará sempre mais vantagens do que manter um certo afastamento. Também referem que não se deve obrigar o idoso a participar nas atividades propostas, dando lhe liberdade para fazer as suas opções nesse sentido.

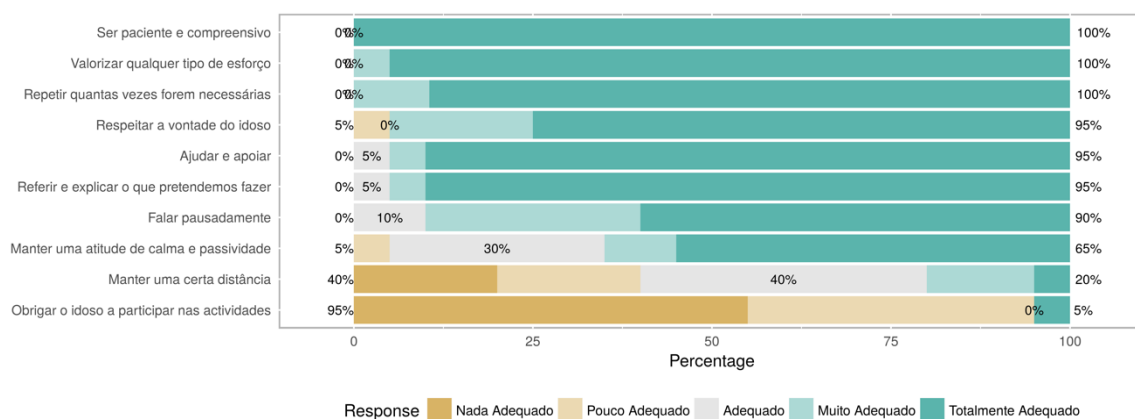


Figura 2 - Conceções sobre a relação do técnico e clientes.

Relativamente ao grau de adequação que os técnicos consideram que existe na instituição onde trabalham reconhecem, maioritariamente, que proporciona condições adequadas para a satisfação das necessidades básicas. Adicionalmente, promovem a relação com a família e com a comunidade, assegurando, também um acompanhamento psicossocial no sentido da integração aos clientes (Figura 3).

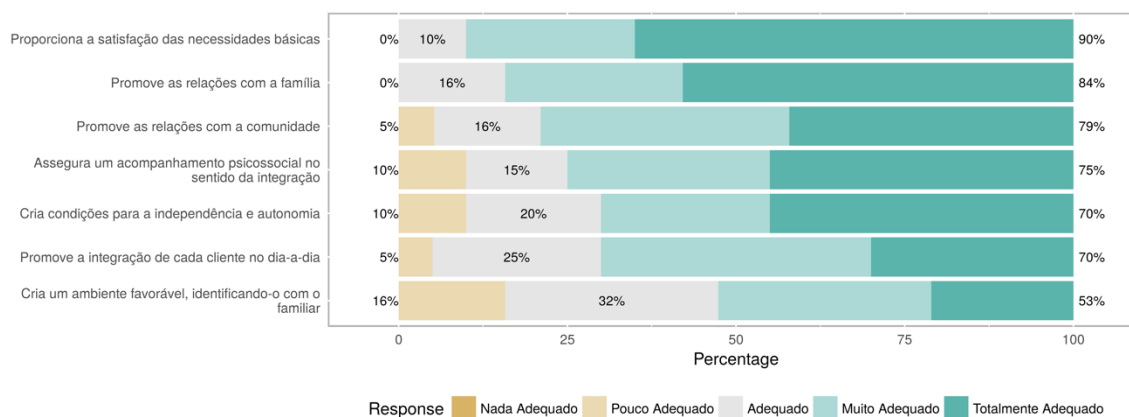


Figura 3 – Grau de adequação da instituição.

Reconhecem, no entanto, que a instituição não é capaz de criar um ambiente que os clientes consigam identificar como o familiar, nem de integrar o idoso nas atividades do dia-a-dia.

Os técnicos consideram que o papel do educador social nas relações cuidador/cliente é, de uma forma geral, bastante transversal, valorizando praticamente todos os aspetos (Figura 4). No entanto, valorizam mais a atenção e cuidado ao idoso, trabalhando em equipa multidisciplinar, promovendo autoestima e bem-estar. Valorizam menos o apoio à prestação de necessidades básicas, o servir, dar amor, carinho e cuidados profissionais de qualidade. Observamos que as respostas positivas dadas pelos técnicos nesta questão vão ao encontro das suas conceções sobre a relação técnico/cliente, sendo a postura correta de quem tem plena consciência de que o processo de institucionalização do idoso acarreta alterações na sua vida, como referem vários autores no enquadramento teórico.

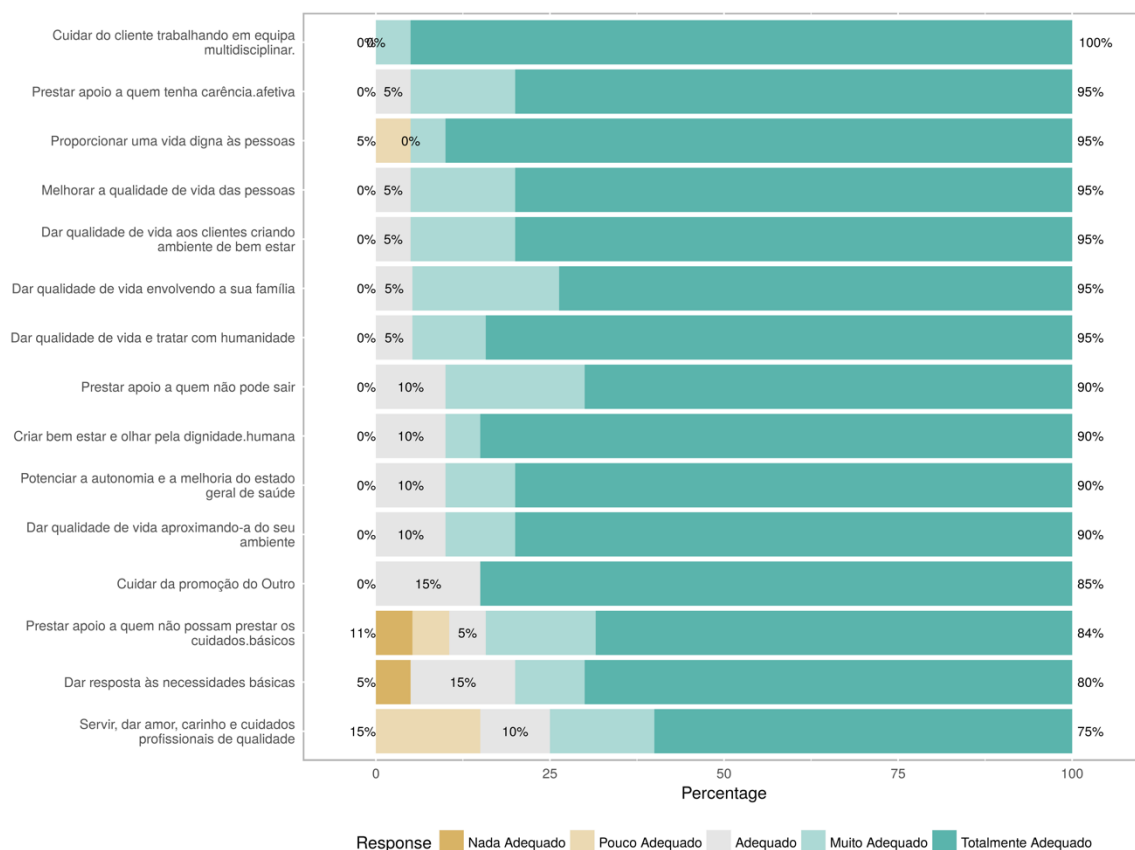


Figura 4 - Papel da relação entre o técnico e o cliente.

Relativamente às estratégias de ação a desenvolver com idosos, não se verificam muitas diferenças entre litoral e interior, com a exceção de incentivá-los a ver televisão e integrá-los em atividades de índole religioso (Figura 5). Na generalidade, consideram que todas as estratégias são importantes desenvolver, com particular incidência sobre atividades que promovam a participação em grupos e em comunidade. A utilização da Internet e ver televisão são menos valorizados.

Devemos realçar que as estratégias escolhidas pelos técnicos com mais importância são aquelas em que o cliente tem um papel ativo na sua execução em todas as suas vertentes, física, intelectual e social, havendo a necessidade de estimular a participação em grupo, ao mesmo tempo que o idoso se diverte individualmente. Sublinhamos as reticências dos técnicos em adaptar jogos de crianças aos idosos, já que estamos a falar de pessoas e idades completamente diferentes. O educador social como membro de uma equipa transversal e conhecedor de fundo da situação dos clientes, deverá estar preparado para planificar atividades que se adaptem convenientemente aos idosos.

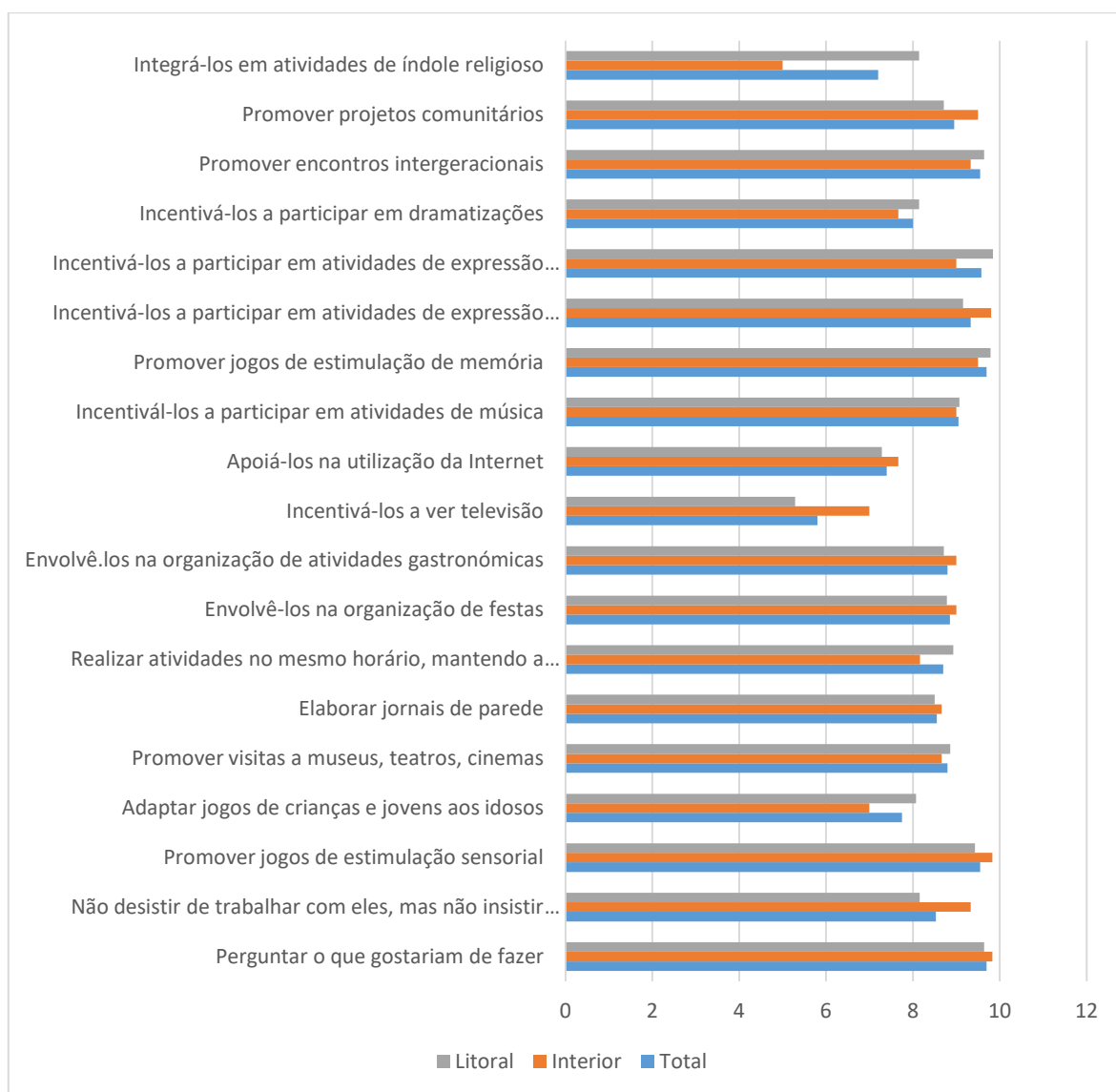


Figura 5 – Frequência e tipo de atividades que se desenvolvem com os idosos.

Quando questionados sobre as atividades desenvolvidas na instituição onde trabalham, no âmbito da animação sociocultural, os técnicos referem que as atividades mais frequentes são as de expressão físico-motora, de expressão plástica, de expressão musical, de estímulo de memória e jogos lúdicos (Figura 6). Também se verifica, com bastante frequência, ver televisão e jogos de estimulação sensorial. Por outro lado, o visionamento de filmes, as atividades teatrais e dramatizações, os projetos intergeracionais e a utilização da Internet surgem com menos frequência.

Aqui deparamo-nos com uma contradição evidente acerca das atividades que os técnicos acham importantes realizar com os idosos e aquelas que realizam na instituição onde trabalham. Havendo assim um choque direto entre aquilo que acham correto fazer e aquilo que fazem na realidade. Sendo exemplo disso as atividades como ver televisão e utilizar a internet, onde os técnicos lhe davam pouca importância, mas surgem como umas

das atividades mais utilizadas. Assim como davam relevo a encontros interrelacionais, mas são pouco praticados nas suas instituições.

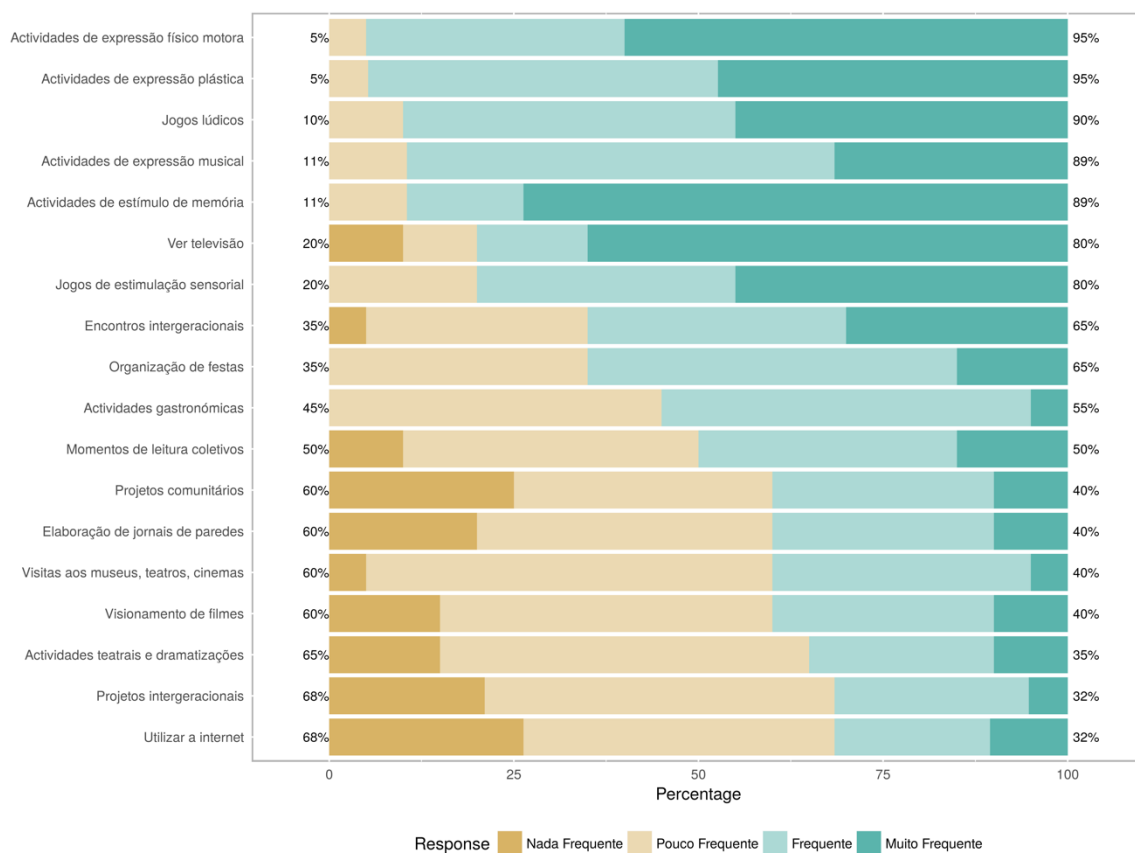


Figura 6 - Atividades desenvolvidas na instituição.

Neste sentido, relativamente à percepção sobre o grau de satisfação que as atividades promovem no cliente, os técnicos reconhecem que os jogos lúdicos, as atividades de expressão físico-motora, os encontros geracionais, as atividades de expressão plástica, atividades religiosas e os projetos intergeracionais resultam numa maior satisfação no cliente (Figura 7). É curioso verificar que, apesar de acharem que, em particular, os projetos e encontros intergeracionais resultam em níveis de satisfação consideráveis, não sejam dinamizados com maior frequência (Figura 6).

Há o reconhecimento de que a utilização da Internet não é satisfatória, tal como a participação em atividades teatrais e dramatizações, o visionamento de filmes, os momentos coletivos de leitura, a elaboração de jornais de parede e a organização de festas.

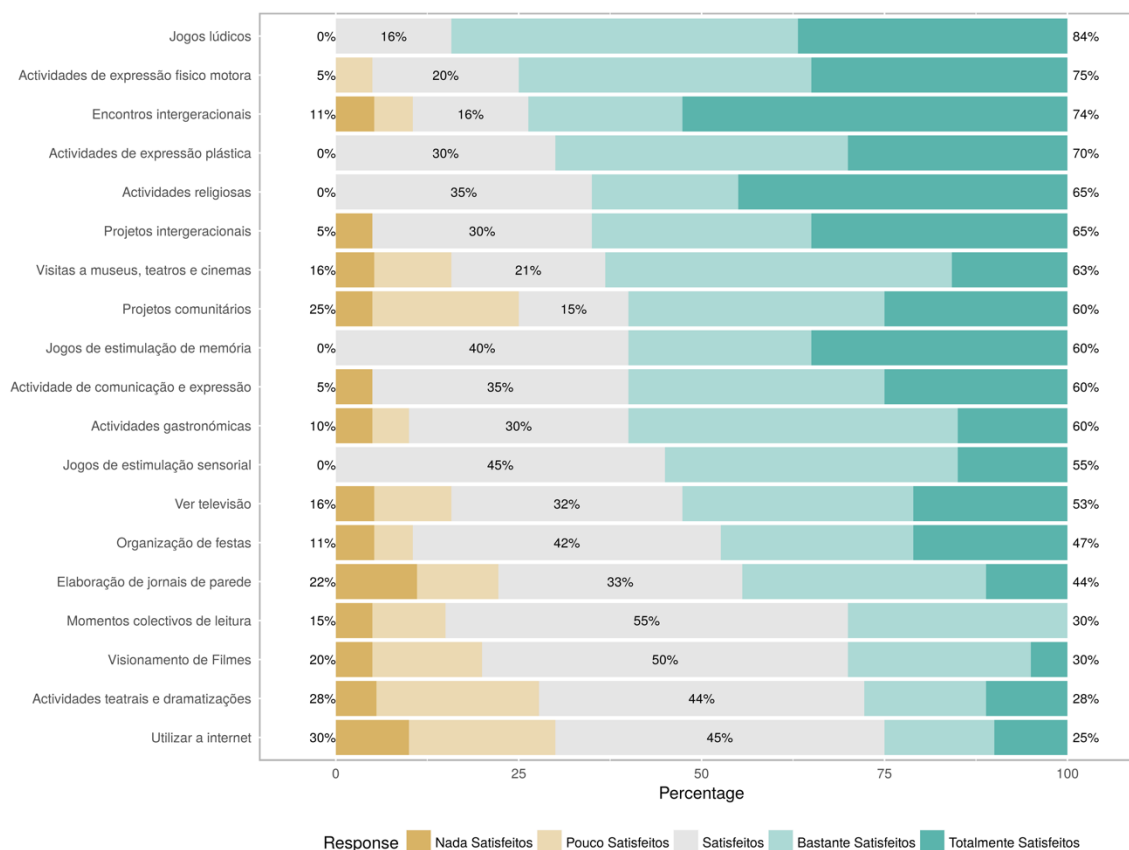


Figura 7 - Percepção da satisfação relativamente às atividades desenvolvidas.

A maioria dos inquiridos considera que as atividades que desenvolve com os clientes são adequadas, à sua situação, ao seu grau de autonomia e independência uma vez que contribuem para *“uma vida mais ativa”*, mencionado que o *“sedentarismo é muito negativo para eles”* e eles se *“sentem mais autónomos com a realização destas atividades”*, permitindo, também *“o convívio entre pares, bem como promoção das suas capacidades”* evidenciando que tanto *“a intervenção em grupo como a intervenção individual têm como tronco comum um programa-plano que considera a autonomia, desafios e ritmos individuais de cada cliente”*. De acordo com alguns inquiridos as atividades propostas *“visam, essencialmente, maximizar o potencial de cada um e dessa forma aumentar e melhorar a sua autoestima e autoconceito”* favorecendo, desta for a *“o desenvolvimento das suas competências socio-afetivas”*.

Refere-se que a dinamização e escolha das atividades requer um *“trabalho contínuo”* que considere *“não só as atividades físicas-motoras, cognitivas e de expressão plástica”* como também *“atividades lúdicas e jogos em grupo”*. Salienta-se que as atividades têm conta *“o grau e autonomia, as necessidades, gostos, interesses e expectativas, desejos, e dados sociodemográficos do cliente”* neste sentido, afirma-se que elas *“são adequadas para*

favorecer e estimular a qualidade de vida, o bem-estar biopsissocial de modo a melhorar a autoestima, humor, autonomia”.

Contudo há quem refira que *“de todas as atividades realizadas a ginástica direcionada aos seniores é a preferida”*. O seu planeamento, de acordo com alguns técnicos tem *“em conta as suas necessidades e desejos”* de forma a que *“estes possam desenvolvê-las o mais autonomamente possível e, desta forma, sintem-se “motivados e empenhados na sua realização”*. Afirma-se a necessidade de adequar as atividades aos idosos, revelando que *“diariamente é feita estimulação sensorial numa sala própria (snozeleen) e estimulação cognitiva (...) com grupos específicos ou individual”*.

Dois inquiridos, consideram, no entanto que as atividade não são adequadas , nem têm em consideração a situação do idoso, por um lado, porque *“não conseguem ainda atrair um grande número de clientes”* afirmando-se que se fossem bem adequadas, elas teriam *“um maior número de participantes”* e, por outro lado, porque algumas atividades (...) infantilizam o idoso”.

Relativamente à questão se existem atividades mais adequadas aos clientes que se encontram em contextos diferenciados, especificamente, meio interior e litoral, alguns inquiridos consideram que sim, porque o tipo de atividades deve ter em conta *“os costumes de cada região”* assumindo que *“a geografia a educação e as vivências próprias do meio e do indivíduo”*, sendo *“importante e mesmo fundamental [considerar] as histórias e as raízes culturais”*. Neste sentido, menciona-se que

“na definição do plano de atividades devemos ter em atenção as características culturais do grupo, mas também as características individuais de cada elemento. Devemos adaptar e proporcionar individualmente (ou não) momentos ou ambientes que lhes transmitam a sensação de bem-estar e utilidade. Dessa forma trabalham-se as diferentes componentes e tornamos idoso mais satisfeito”.

Há também quem considere que a adequação se relaciona com os recursos, explicando que como há *“mais recursos na zona litoral do nosso país os seus clientes adquirirem outras competências e níveis de participação muito elevados”* enquanto que nas instituições do interior, *“como há atividades que não estão ao alcance dos clientes (...) estes ficam mais limitados”*.

Mas há, também técnicos que consideram que a adequação das atividades, não depende da localização geográfica nem da cultura uma vez que *“o que é importante é adequar as atividades aos idosos”* e para isso, referem *“temos que ser criativos”*. Considera-se que *“as atividades são adaptáveis”* e apesar de *“algumas atividades*

depende[rem] dos recursos do meio onde estão inseridas” o que pode traduzir-se em “algumas diferenças”, reafirmando que “no geral todas as atividades dão para fazer independentemente do local de realização”. Ainda nesta linha de pensamento, um dos inquiridos afirma que: “a meu ver todas as atividades são possíveis com todos os clientes desde que os respeitemos, enquanto pessoas e que tenhamos em consideração os seus gostos pessoais e crenças”, considerando que a diferenciação entre atividades do interior e do litoral pode revestir-se de algum preconceito, afirmando que “pessoas são pessoas, tanto aqui como na China e esta pergunta pode ser entendida como preconceituosa, o que é um erro crasso em animação ou Educação Social”.

Acerca da relação do técnico de animação com os clientes, podemos ver que todas as respostas dadas são respostas que eles referem um tratamento positivo, um tratamento próximo do cliente, assertivo, construtivo, privilegiando um contacto direto com o cliente. Indo assim ao encontro do enquadramento teórico, em que o técnico de Educação Social aparece como um elemento transversal não só na animação do idoso, mas durante todo o seu processo de institucionalização.

Pelas respostas dadas pelos técnicos inquiridos, todas as atividades em questão geram, na sua maioria satisfação nos seus clientes. Embora umas mais que outras, mas em todas as atividades, os clientes ficam satisfeitos. O que nos leva a perguntar, se todas as atividades geram satisfação nos idosos, então porque será que só algumas são realizadas com frequência?

Nas questões de resposta aberta, acerca da adequação das atividades aos idosos da sua instituição, a maioria dos técnicos acha que sim, são adequadas. Ou porque geram satisfação nos idosos, ou porque têm uma oferta variada de atividades a escolha do utente e também porque os idosos as conseguem realizar. Ainda assim, dois inquiridos consideram que não realizam atividades adequadas aos idosos, porque infantiliza os idosos ou porque acha que se realmente fossem adequadas, participariam mais clientes. Verifica-se uma contradição entre a importância que se dá as atividades e a frequência com que se realizam, não passando da teoria á prática. Contudo verificamos uma maior concordância nas estratégias relacionadas com as atividades físico motoras, plásticas, musica e jogos cognitivos e sensoriais, onde lhe é dada máxima importância que se converte em atividades realizadas.

4. Considerações Finais

A realização do presente trabalho de dissertação intitulado “A adequação das atividades de animação Sociocultural aos idosos institucionalizados na perspectiva da Educação Social” mostrou-se fundamental para o nosso crescimento profissional. Através dele, pudemos contactar com várias instituições do Norte do país e perceber as realidades de cada uma através da investigação realizada, sustentada na bibliografia sobre o tema em estudo e através das estratégias e métodos de recolha de dados. O contacto com os idosos mostrou-se determinante na resposta às questões da investigação nomeadamente acerca do tipo de atividades de animação sociocultural se desenvolvem em estruturas residenciais para idosos e qual a sua adequação ao público a que dirigem, havendo assim dados suficientes que podemos considerar significativos para abordar as questões que a investigação nos coloca.

Em relação à percepção dos idosos acerca das atividades de animação, podemos verificar que existe uma abordagem ou percepção diferente entre os clientes de instituições do litoral e do interior do país, havendo da parte dos clientes da zona litoral uma proatividade de quem denota interesse e desejo de ser um membro ativo na participação, o mesmo não acontecendo nos lares do interior, onde são encaradas de forma passiva e como um mero instrumento para ocupar o tempo.

Relativamente ao tipo de atividades, nas instituições colaboradoras, realizam-se diferentes tipos de atividades, que se inserem em atividades de estímulo de memória, de expressão plástica, de expressão físico-motora, idas à universidade. Contudo parecem evidenciar-se algumas diferenças entre as atividades que se promovem nas instituições colaboradoras do litoral e nas instituições do interior. As instituições do litoral, parecem desenvolver atividades que se centram no desenvolvimento ativo da pessoa, já as instituições do interior parecem centrar a sua ação na promoção de atividades lúdico-recreativa e ocupacionais que visam a ação dos idosos em pequenas tarefas de expressão plástica, o que não se adequa a alguns dos idosos entrevistados.

Assim, perante as entrevistas realizadas aos idosos, podemos concluir que, as atividades de animação ainda são planeadas para ocupar o tempo, havendo uma maior incidência desta perspectiva nas instituições do interior, mas verificamos que alguns clientes revelam não ter disposição mental para a realização das atividades que lhe são propostas.

Realizam atividades com as quais os idosos não se identificam, aceitam as atividades, mas colaboram de forma passiva, sem grande entusiasmo. Nas instituições do litoral, as ações a desenvolver são mais aceites pelos clientes, assumindo o seu gosto por se implicar nelas. Revelam sentir-se ativos e participativos porque o que fazem, faz sentido para si e os valoriza enquanto pessoa.

Relativamente ao cruzamento dos dados das entrevistas aos idosos com os facultados pelos inquiridos aos técnicos, estes revelam que existe dificuldade da parte dos técnicos da zona interior em adequar as suas atividades aos utentes, existindo uma divergência clara e perceptível entre a opinião dos técnicos juntamente com a planificação das atividades apresentadas e a opinião dos clientes entrevistados. Em contraste com as instituições do litoral, onde existe uma simbiose entre o trabalho dos técnicos e a satisfação dos clientes.

Contudo, os dados recolhidos pelo inquérito realizado demonstram a preocupação dos técnicos com o bem-estar e satisfação dos idosos nas atividades de animação, reconhecendo a sua importância para a saúde, conforto e adaptação do cliente, assim como do diagnóstico a realizar, frisando ainda a necessidade de existir uma adaptação das atividades aos idosos, independentemente do local, tendo para isso, que ser criativos na sua abordagem.

Analisando os planos de atividades das instituições onde decorreram as entrevistas, verificamos que existem poucas diferenças na metodologia utilizada para a planificação das atividades, quer na calendarização ou mesmo na sua execução. Observamos que todas elas dão especial atenção às atividades do calendário, onde se incluem as datas festivas como o Natal e a Páscoa. Nas atividades de animação, todas as instituições dão especial destaque à atividade física, lúdico- recreativa e cognitiva. Havendo apenas diferenças a registar nas atividades com as comunidades, onde ganha relevo os contactos que cada instituição tem com o exterior.

Ao verificar tais semelhanças na planificação das atividades de animação propostas e a opinião dos idosos a quem tal planificação se destina, fica ainda por identificar se os educadores sociais ou técnicos responsáveis realizavam o diagnóstico inicial sobre as características, as preferências, e cultura dos clientes. Se o diagnóstico for realizado, com certeza, serão efetuadas atividades que vão ao encontro dos interesses dos idosos e como consequência existirá um maior envolvimento e uma maior satisfação por parte deles. O que lhes vai permitir viver a velhice com dignidade e felizes.

Como conclusão principal, destacamos que, nas instituições do interior a opinião dos clientes entrevistados diverge da opinião dos técnicos no inquérito realizado no que diz

respeito á adequação das atividades de animação, havendo clara discrepância entre o que se planifica e concretiza pelos técnicos e a satisfação dos clientes. Podemos concluir, que nas instituições colaboradoras no interior, as atividades de animação não são adequadas aos clientes. Ao contrário das instituições onde decorreram entrevistas na zona litoral, onde existe uma sintonia entre a planificação dos técnicos e a satisfação dos idosos.

Para terminar, resta-nos referir a importância que este trabalho teve para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional, reconhecendo também que, há muita coisa a ser feita em relação à animação sociocultural e que depende de nós profissionais da área social fazermos a diferença e contribuirmos para o bem-estar dos “nossos idosos”. Devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para lhes proporcionarmos uma velhice digna. Cabe a nós, Educadores Sociais, como profissionais nas relações, criar as condições necessárias para que nada falte aos clientes institucionalizados, trabalhando e estabilizando as relações estabelecidas com e pelos clientes, com a família, comunidade e a instituição, contribuindo para isso, as atividades de animação. Este trabalho só é possível com a realização de um diagnóstico completo ao cliente. É essencial conhecer as suas vivências e relações para melhor compreender e ajudar na sua adaptação a um mundo novo, contribuindo assim, para um envelhecimento ativo. O Educador Social, com a sua formação para trabalhar no terreno, detem competências que lhe permitem acompanhar o idoso em todo o processo da sua institucionalização, podendo desde bastante cedo avaliar as suas relações familiares, as suas rotinas e a forma como ocupa o seu tempo, permitindo assim um diagnóstico mais completo na hora de planificar as suas atividades.

Com o envelhecimento exponencial da população, são cada vez mais os idosos no nosso país é uma realidade que não podemos nem devemos ignorar.

E é tão fácil fazer alguém feliz e contribuir para essa felicidade uma vez que “Há duas épocas na vida, infância e velhice, em que a felicidade está numa caixa de bombons”.
(Carlos Drummond de Andrade)

Referências Bibliográficas

- Alba, S. A. (1986). Envejecimiento humano a nivel individual y de las poblaciones. In S. A. Alba, G. Llera, & J. D. Peña (Eds.), *Tratado de Geriatria y Asistencia Geriátrica* (pp. 15-28). Barcelona: Salvat Editores.
- Almeida, A. (2008). *A Pessoa Idosa institucionalizada em Lares, Aspectos e contextos da Qualidade de Vida*. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Andrade, F. (2009). *O Cuidado Informal à Pessoa Idosa Dependente em Contexto Domiciliário: Necessidades Educativas do Cuidador Principal*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Antunes, M. & Pereira, J. (2014). *Animação sociocultural e terceira idade* em revista *Cultura e Participação, Animação Sociocultural em contexto Ibero-americanos* RIAP - Associação Rede Ibero americana de Animação Sociocultural – Nodo Português,
- Antunes, M. da C. P., & Pereira, J. (2014). Animação sociocultural e terceira idade. *Cultura e participação: animação sociocultural em contextos Iberoamericanos*, 135–145.
- Assis, M. (2005). Envelhecimento ativo e promoção da saúde: Reflexão para as ações educativas com idosos. *Revista APS*, 8 (1), 15-24.
- Batista, A. (2014). Animação e es socioculturais: incertezas e controvérsias de uma ocupação profissional, *ATAS do VI Encontro do CIED – I Encontro Internacional em Estudos Educacionais. Avaliação: Desafios e Riscos*. Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Baptista, I. (2006). Educadores sociais, quem são e o que fazem? *A Página da Educação*. Acedido em 20 de dezembro de 2017 de <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=455>.
- Berger, L. (1995a). Aspectos biológicos do envelhecimento. In L. Berger & D. Mailloux-Poirier (Eds.), *Pessoas idosas: uma abordagem global* (pp. 123-156). Lisboa: Lusodidacta.

- Berger, L. (1995b). Aspectos psicológicos e cognitivos do envelhecimento. In L. Berger, & D. Mailloux-Poirier (Eds.), *Pessoas idosas: uma abordagem global* (pp. 157-197). Lisboa: Lusodidacta.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em *Tese*, 2(1), 68–80.
- Cabral, M. V. (Coord.) (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Camarano, A. & Ghaouri, S. (2003). *Famílias com idosos: Ninhos Vazios?*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Económica Aplicada.
- Caride, J. A. (2005). *La animación sociocultural y el desarrollo comunitario como educación social*. Revista de Educación, n.º 336, 73-88.
- Carneiro, R. Chau, F., Soares, C., Fialho, J., & Sacadura, M.J. (2012). O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade. Lisboa: Centro De Estudos Dos Povos E Culturas De Expressão Portuguesa Faculdade de Ciências Humanas Universidade Católica Portuguesa
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia de Investigação: Guia para Auto-Aprendizagem (2.a Edição)*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, M. (2012). *Gerontologia e Qualidade de Vida, Reforço dos Laços Familiares dos Idosos Institucionalizados*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Carvalho, E. (2013). *A Animação Sociocultural em Contexto de Centro de Dia, Projeto de Intervenção*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto.
- Castro, A. (2004). Culto ao corpo: identidades e estilos de vida, A questão social no novo milénio, *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Comas-Herrera, A.; Wittwnberg, R. & Pickard, L. (2005). Making projections of public expenditure on long-term care for the European member states: Methodological

- proposal for discussion. In *European Commission. Brussels: AWG-OECD Workshop, 21-22.*
- Cordeiro, I. (2015). *O arraial, festa da rua e da cidade*, retirado de <https://www.researchgate.net/publication/273382466>
- Cunha, M. (2008). A animação educativa no desenvolvimento pessoal e social de futuros formadores: uma abordagem centrada na prática teatral. *Revista Portuguesa de Educação, 21(2), 161-185*
- Espitia, A., Martins, J., (2010). *Relações afetivas entre idosos institucionalizados Estudo Exploratório num Lar da 3ª Idade*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Eurostat (2011). *Active ageing and solidarity between generations: a statistical portrait of the European Union*. Luxemburgo. Publications Office of the European Union.
- Fernandes, S. (2010). *Vivências em lares de idosos: Diversidade de Percursos Um Estudo de Caso*. Porto: Universidade Portucalense.
- Ferreira, O., Maciel, S., Costa, S., Silva, O., & Moreira, M. (2008). Envelhecimento ativo e a sua relação com a independência funcional. *Contexto Enferm, Florianópolis 21(3), 513-8.*
- Fonseca, M & Gonçalves, H. (2003). Violência contra o idoso: Suportes legais para a intervenção. *Interação em Psicologia, 7(2), 121-128.*
- Giroux, H. (2001). *Cultura, política y práctica educativa*. Barcelona: Graò.
- Gondim, S. M. G. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paideia, 12(24), 149–161.*
- Governo de Portugal (2012). Programa de Ação do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Portugal: Governo de Portugal. Acedido de <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20AcaoAnoEuropeu2012.pdf>
- Henrard, J. C. (1997). Les processus de vieillissement et l'âge de la vieillesse in *Actualité et dossier en santé publique, 21, 4-9* Acedido de <http://www.hcsp.fr/explore.cgi/Adsp?clef=43>, em 17/10/2017.

- Hespanha, M. (1993). Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade-providência. In B. S. Santos, *Portugal: um retrato singular* (pp.318-321). Porto: Edições Afrontamento
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2017). *Retrato territorial de Portugal*. Lisboa: INE
- Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*, Cadernos Socialgest N.º 4 – 2007 retirado de www.socialgest.pt
- Jacob, L. (2013). *Animação de Idosos*. Lisboa: Mais Leituras Editora.
- Jardim, L. (2014). Envelhecimento ativo e qualidade de vida, retirado de <http://www.aper.pt/Ficheiros/ReabilidadesIX/9.pdf>,
- Lenardt, M., Willing, M., Da Silva, S., Shimbo, A., Tallmann, A., & Maruo, G., (2006). *O idoso institucionalizado e a cultura de cuidados profissionais*, 3ª etapa do projeto em desenvolvimento pelo Grupo Multiprofissional de Pesquisa sobre Idosos, *Cogitare Enferm* 11(2):117-23 maio/agosto 2006
- Lopes, M. (2007). *A animação Sociocultural em Portugal*, Revista Ibero americana vol.1, n.1., out.2006/fev.2007
- Mazo, G., Cardoso, A., Dias, R., Balbé, G. & Virtuoso, J. (2009). *Do diagnóstico à ação: Grupo de estudos da terceira idade: Alternativa para a promoção do envelhecimento ativo*, Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde • Volume 14, Número 1, 2009
- Mendes, P.C., M., Almeida, & Dias, G. (2015). Benefícios da atividade física no processo de envelhecimento individual. In G. Dias, R. Mendes, P. Serra e Silva, M. A. Banquinho (Eds.), *Envelhecimento Activo e Actividade Física* (pp. 25–42). Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Miguel, M., Pinto, M., Marcon, S., (2007). A dependência na velhice sob a ótica de cuidadores formais de idosos institucionalizados. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, retirado de <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a17.htm>.
- Ministério da Solidariedade e da Segurança Social (2012). Portaria n.º 67/2012 de 21 de março. Diário da República, 1.ª série—n.º 58.

- Monteiro, L. (2012). *Animação Sociocultural e Práticas Intergeracionais - Estudo de caso da Santa Casa da Misericórdia de Vila Flor: Lar Nossa Senhora da Lapa e Jardim de Infância Flor de Liz*. Chaves: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.
- Nunes, V., & Albino, L. (2008). *O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma comunhão de princípios*; em <http://quadernsanimacio.net>; n.º 8; JULIO de 2008; ISSN 1698-4044
- Pereira, L. (2010). *Solidão e Depressão no Idoso Institucionalizado, A Intervenção da Animação Sociocultural*. Chaves: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.
- Pinto, D. (2013). *Porque vão os idosos para lares? Determinantes no internamento de pessoas com mais de 65 anos em Instituições de longa permanência*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.
- Portela, J. (1997). *A Revitalização do Mundo Rural e o Ordenamento do Território*. Lisboa, 15-17.
- Reis, A. (2011). *A Animação Sociocultural na 3ª idade - Um estudo de caso no lar de Nossa Senhora da Conceição Vidago*. Chaves: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.
- Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição Sociologia. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Envelhecimento demográfico*, 33-52.
- Ricardo, R. (2013). *A(s) Realidade(s) do Educador Social no Algarve*. Dissertação de Mestrado em Educação Social. Faro: Universidade do Algarve.
- Sequeira, S. (2013). *Animar para melhor envelhecer, com satisfação: Animação Sociocultural em idosos de centros de dia do concelho de Castelo Branco*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco
- Silva, A. (2013). Bolonha: Uma Oportunidade de Reflexão Sobre a Animação Sociocultural e de Revisão da Formação em Animação no Ensino Superior em Portugal, *Revista Práticas de Animação 1*, 39.
- Siqueira, R., Botelho, M., Coelho, F. (2002). A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciências & Saúde*, 7 (4) 899-906,

- Sousa, J. (2010). *A Formação no Contexto de Estágio: Estudo Exploratório num Lar da 3ª Idade*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Teixeira, Ilka, Neri, Anita (2008) Envelhecimento bem-sucedido, uma meta no curso da vida, *Psicol. UsP, São Paulo, 19(1)*, 81-94
- Timoteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos. *Sensos, 2 (1)*, 11-26.
- Vasconcelos, Q., Yunes, M., Garcia, N., (2009). Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo, Paideia maio-ago. 2009, Vol. 19, No. 43, 221-229
- Vaz da Silva, E. (2006). *Se fosse tudo bem, a velhice era boa de enfrentar! Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice - um estudo no Norte de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta
- World Health Organization (2002). Active ageing: a policy framework. Switzerland: WHO
- Zimmerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Anexos

Anexo I: Carta de Autorização



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA
Escola Superior de Educação

Tel. (+351) 273 330 602 • Fax (+351) 273 313 684
http://www.ese.ipb.pt
Campus de Santa Apolónia
Apar. Lado 1101
5501-856 BRAGANÇA • Portugal

Ex. mº Senhor

S/ referência	S/ comunicação	N/ referência	Data
		70	08-06-2016
		7.2	

ASS. JNTO:

Pedido de autorização para realização de entrevistas

No âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Social que o mostrandando nº 33002-Miguel Ângelo Casciro se encontra a realizar na Escola Superior de Educação de Bragança sob a orientação da Professora Doutora Cristina Maria Mesquita Gomes e com o objetivo de analisar a adequação das atividades socioculturais para idosos, solicitamos a V. Ex.ª se digne autorizar a recolha de dados para fins de investigação, na instituição que tão dignamente dirige.

Numa primeira fase pretende-se realizar um diagnóstico, através de uma entrevista como instrumento de recolha de dados a realizar a três utentes, sobre a sua satisfação em relação à instituição e a sua perceção sobre as atividades que nela desenvolvem e, num segundo momento, através de um questionário a aplicar aos técnicos responsáveis pela animação sociocultural.

De referir que os objetivos da entrevista são a comparação da ação desenvolvida na área da animação sociocultural entre a zona litoral e a zona interior do nosso país, bem como analisar a adequação dessas atividades às características e necessidades dos utentes.

Mais se afirma que o tratamento dos dados recolhidos respeitará as regras de confidencialidade da instituição e que os mesmos servirão, exclusivamente, para a realização da investigação, considerando todos os meios de respeito e anonimato dos participantes no estudo.

O guião da entrevista segue em anexo.

Agradecemos a disponibilidade e colaboração da instituição na formação dos nossos alunos.

Com os melhores cumprimentos,

A Subdirectora da ESEB,

Maria Cristina do Espírito Santo Martins

Professora Adjunta Maria Cristina do Espírito Santo Martins

Anexo II: Descrição das atividades planos de atividades

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
IL1	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar)	Diariamente
	Atividades com a comunidade	Intercâmbio intergeracional com as crianças do Jardim-de-infância e do 1.º Ciclo do Colégio-Creche Nossa Senhora da Bonança. Intercâmbio com outras ERPI- ERPI existentes na Freguesia de Santa Marinha	Datas a combinar
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Páscoa, Santos Populares e Aniversários de clientes, Visita ao Santuário de Fátima e Exposição e venda de produtos natalícios elaborados pelos clientes da instituição.	Anual
	Atividades de animação	Atividades Lúdicas- Jogos de mesa e tabuleiro Jogos Cognitivos, Momentos de Aprendizagem- Aulas de Português, Matemática e Informática, Atividade Física- Fisioterapia e Passeios na praia durante todo o mês de Julho. e Estimulação Senso- Motora- Atividades Religiosas- Eucaristia	Diariamente
IL2	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar)	Diariamente
	Atividades com a comunidade	Atividades do dia 14 de Janeiro - O "Dia da Bola": manipulação de vários tipos de bolas tendo em vista a coordenação; reabilitação; estabilização; massagem. Estimulação Cognitiva- Com vários tipos de balões, estimular a área	Todos os dias, sempre que possível, ajustando ao calendário dos

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
		<p>senso-motora.</p> <p>Estimulação Artística- Através da música, aproveitando a quadra natalícia (entre outras) estimular o canto, o som, o ritmo, tendo em vista a memória auditiva (que funciona na base da identificação de repetições, contrastes), memória afetiva (relacionada com os aspectos expressivos e dinâmicos da Música), memória visual (associada à leitura).</p> <p>Atividade Física- Através de várias matérias (bolas de ping-pong; papéis machucados; meias cheias de papel, etc.) tentar encestar num balde. Criação de um torneio para o melhor lançador.</p>	alunos voluntários nos meses de Janeiro, Março, Outubro e Novembro
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Páscoa, Santos Populares e Aniversários de clientes.	Anualmente
	Atividades de animação	<p>Além das descritas acima, existem ainda:</p> <p>Estímulo á atividade Física- Realizar vários ciclos respiratórios com intensidades e velocidades diferenciadas. Aplicação da mesma em contactos diferenciados (utilizar sacos de plásticos; balões; penas, etc.) Caminhadas no exterior do Lar (Jardim de Arca d'Água)</p> <p>Atividades Lúdicas- Caminhadas no exterior do Lar (Jardim de Arca d'Água) e idas á praia.</p> <p>Estimulação Cognitiva- Utilização de vários tipos de materiais com formas diferenciadas (escova do cabelo; sapatos; chinelos; caixas, cartolina; borrachas, etc.), e com outros materiais que permitam realizar sons (apitos; martelos de S. João, brinquedos de crianças, etc.)</p>	Todos os dias sempre que possível
IL3	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar)	
	Atividades com a comunidade	Não Faz Referência no Plano de Atividades	
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Páscoa, Santos Populares e Aniversários de clientes	
	Atividades de animação	Atividade Religiosa- Oração do dia (Diariamente) Terço (Diariamente)	Diariamente

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
		<p>Religião com Maria,</p> <p>Atividade Física</p> <p>Caminhada Leitura Caminhada Atelier de Pintura Colagens e recortes Comunhão (Eucaristia) Jogos Cognitivos</p> <p>Atividade Física Dia da Beleza Atividade Física Atividade Lúdica Visualização da Missa Atividade Lúdica Caminhadas</p> <p>Visionamento de Filmes Canto e escuta de Músicas Discussões Temáticas Visitas Religiosas Outras atividades Lúdico- Recreativas</p>	<p>Semanalmente</p> <p>sem data programada:</p>
III	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar) .	Diariamente
	Atividades com a comunidade	Biblioteca Municipal de Macedo de Cavaleiros/Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros- Projeto “Vidas a Ler+” Projeto- Projeto desenvolvido entre estas duas entidades e os vários Lares e Centros de dia do Concelho de Macedo de Cavaleiros que	Mensalmente- De Janeiro a Junho

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
		tem como objetivo o convívio entre os seus alunos e os idosos, através de atividades de leitura e trocas de experiências.	
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Magusto, Páscoa e Visita Pascal, Santos Populares e Aniversários de clientes	Anualmente
	Atividades de animação	<p>Estimulação Cognitiva Bingo, Jogos dos pares, Dominó, Cartas, Jogos dos Sentidos, Provérbios, entre outros.</p> <p>Expressão Plástica Artes decorativas, Lembranças para épocas festivas, Quadros, Recortes e Colagens, entre Outras.</p> <p>Animação socio- Desportiva</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estimulação motora • Jogos tradicionais <p>Cuidados de Imagem</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cabeleireiro/a • Manicure <p>Animação Musical Canto de canções populares e manuseamento de alguns instrumentos</p>	Semanalmente
II2	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar).	Diariamente
	Atividades com a comunidade		
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Magusto, Páscoa e Visita Pascal, Santos Populares e Aniversários de clientes	Anualmente
	Atividades de animação		
II3	Atividades da vida diária (AVD)	Feitas com a ajuda das Ajudantes de Ação Direta (Levantar, Higiene Pessoal, Refeições e Deitar)	Diariamente
	Atividades com a comunidade	Intercâmbio com o Centro de Dia das Mós - Comemoração do Carnaval	Data a combinar

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
	Atividades do calendário	Datas Festivas como o Natal, Carnaval, Janeiras, Magusto, Páscoa e Visita Pascal, Santos Populares, Dia do Pai, Dia da mãe, Dia dos Avós e Aniversários de clientes	Anualmente
	Atividades de animação	<p>Atividade Física- Sessões de ginástica (período da manhã- 2º e 6º); Estimulação da atividade física através de caminhadas pela freguesia (período da tarde- 3ª e 5ª);</p> <p>Atividade Religiosa- Terço todos os dias e Eucaristia quinzenalmente. Exposição do Santíssimo</p> <p>Estimulação Cognitiva- Leitura jornais (Solidariedade, Nova Guarda, Terras da Beira) e revistas (Missão, Além-mar e Audácia, Maria...) para manter o idoso atualizado. Visionamento de programas televisivos de maior interesse; Realização de jogos de despertar sensorial; Realização de jogos de encaixe e de memória</p> <p>Passeios no Exterior- Comemoração do Dia Internacional dos Museus a Gouveia e Celorico da Beira. Passeio da instituição a Aguiar da Beira, Rãs e Viseu; Passeio de barco no Douro; Piquenique na Foz do sabor Saída- convívio - Almoço de Natal em V. N. Foz-Côa;</p> <p>Atividades Lúdicas Realização de Caixas de amêndoas para a Páscoa Visionamento de Filmes. Recolha de Canções tradicionais Realização de jogos de mesa (dominó, cartas, damas, bingo...); Participação dos idosos na festa da freguesia (14 a 16), envolvendo-se com a comunidade</p>	Semanalmente E em datas a combinar

Instituições	Tipo de atividades	Descrição	Frequência
		Recolha de saberes (orações, rezas, canções, provérbios, adivinhas, lendas, histórias...) junto dos idosos do Lar e Centro de Dia Realização de atividades com instrumentos musicais Realização de trabalhos manuais; Realização de jogos em grupo	

Anexo III: Guião de Entrevista

Tema: Animação Sociocultural nos Lares da Terceira Idade

Problema: Conhecer as perceções dos idosos acerca das atividades socioculturais nos Lares da Terceira Idade.

Entrevistados: Três idosos que frequentam o Centro de dia.

Objetivo Geral: Obter dados que permitam entender a opinião dos idosos relativamente às atividades de animação realizadas.

Blocos		Objetivos Específicos	Atitudes Preparatórias	Tópicos	Observações
A	Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado(a)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Informar do nosso trabalho de investigação. 2. Pedir a ajuda ao entrevistado, pois o seu contributo é imprescindível para o êxito do trabalho. 3. Colocar a entrevistada na situação de membro da equipa de investigação, embora com estatuto especial. 4. Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas. 	<p>Explicar que se pretende investigar e pedir a colaboração para este trabalho.</p> <p>Garantir a confidencialidade da entrevista e o seu uso exclusivo para a realização do trabalho.</p>	Entrevista semiestruturada, de perguntas abertas, permitindo a livre expressão, do(a) entrevistado(a)
Blocos		Objetivos Específicos	Atitudes Preparatórias	Tópicos	
B	Caracterizar o centro e do cliente	Conhecer a opinião dos idosos acerca do ambiente do centro.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Porque de decidiu vir para este lar? 2. Gosta de estar no lar? Porquê? 3. Tem muitos amigos, partilha com eles muitas coisas? 4. O que mais gosta de fazer aqui? 	<p>Razões da entrada no Centro</p> <p>Vida no lar.</p> <p>As interações com os outros</p>	

C	Opinião do idoso sobre as atividades de animação realizadas no centro.	Saber a opinião dos idosos acerca das atividades de animação no lar.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Há pessoas que vêm desenvolver atividades convosco? Quem são? 2. E os técnicos da casa também fazem atividades convosco? O que costumam fazer? 3. Gosta das atividades de animação realizadas aqui no lar? 4. Quais são, na sua opinião, os principais benefícios das atividades de animação? 5. Acha adequada a frequência com que são realizadas essas atividades aqui no lar? 	Saber a opinião sobre as atividades que desenvolve no lar. Os benefícios das atividades realizadas no bem-estar do idoso.	
Blocos		Objetivos Específicos	Atitudes Preparatórias	Tópicos	
D	Opinião do Idoso sobre a adequação das atividades de animação aos idosos	Perceber a opinião do idoso sobre a realização das atividades de animação realizadas no lar e a sua adequação as características do publico alvo (idosos).	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as atividades de animação mais realizadas aqui no centro? 2. Que tipo de atividades gostaria de ver aqui realizadas? 3. Acha que as atividades que aqui se realizam são adequadas para si? Porquê? 4. Gosta do educador social, porquê? 5. O que acha que o educador social deve fazer para incentivar a participação dos clientes aqui no lar nas atividades de animação? 	Adequação das atividades realizadas. Opinião acerca da frequência de realização das atividades. Influência do educador social na participação dos idosos nas atividades.	

Anexo IV: GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS IDOSO

(Entrevistas a dezoito idosos)

TEMA A – Institucionalização e integração

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
A1. Razões da institucionalização	A1.1. Perda da pessoa próxima	“Perdi a minha mulher e depois vim [para o lar]” (ILC4) “Porque vivia sozinha, o meu marido faleceu e vivia sozinha” (ILC7) “Por causa que o meu marido morreu” (ILC8) “Porque o meu falecido marido morreu...” (ILC9) “Vim para aqui porque morreu o meu marido” (IIC3)
	A1.2. Para não estar só	“para não estar sozinha em casa durante o dia (...) porque não tinha ninguém, os meus filhos têm todos trabalho,, não podiam tratar de mim, então acharam melhor eu vir para aqui” (ILC2) Eu dava carinho e davam-me carinho a mim. E era de uma filha. Pronto, que eu gostava de estar ao pé dela”. (IIC8) “Tenho que gostar [de estar aqui], não tenho para onde ir”. (IIC7) “para não estar sozinha em casa durante o dia (...) porque não tinha ninguém, os meus filhos têm todos trabalho, não podiam tratar de mim, então acharam melhor eu vir para aqui”. (ILC2) “o meu marido faleceu e vivia sozinha, andava a limpar o pó e tinha as carpetes enroladas e tropecei e por isso os meus filhos não quiseram que eu ficasse sozinha”. (IIC7) “estive doente, e depois os meus filhos tinham medo que com este problema, que eu caísse das escadas abaixo”. (IIC2)
	A1.3. Para aprender	“... foi o meu neto que me fez força porque eu não sei ler. E nós temos cá aulas de tudo...” e acrescenta “Gosto de vir, faço cá muitas coisas, nunca paramos e assim vivo melhor”. (ILC3)”
	A1.4 Problemas de saúde	“Senti-me mal da cabeça (...) porque sabe deu-me uma trombose” (ILC5) “Tive um AVC, estou doente e depois as minhas filhas estão a trabalhar, não podem ficar comigo” (ILC6) “Porque estava já quase cega, e não podia ficar sozinha em casa” (IIC7) “Porque estava doente” (IIC4) “Deu-me aqui a trombose do lado direito, eu estava muito doente, [andava muito] nervosa” (IIC8)
	Desentendimentos familiares	“Por que vim para o lar, senhor? Olhe, até me custa dizer, mas venho. Mas vim. Porque estava com uma filha, eu tinha uma casa na aldeia muito grande. O meu marido pô-la em nome das filhas e depois a minha filha vendeu a casa e eu fui para pé dela. Comprou uma em Coimbra. O dinheiro não chegou. Pões a minha neta o que faltava. E depois, e depois, não procedia bem comigo... só queria estar sozinha ou não sei o que ela pensava e eu via aquilo muito mau para mim. Eu estava muito doente. Nervosa. Ia ao médico, depois ela não me falava e eu tive de sair. Estive no Centro de Dia em Coimbra cinco meses. Mas depois não havia cama, ia para casa. Ia para casa, não me falava. Ela fazia de comer para ela, eu fazia de comer para mim. E depois... (...) disse a uma pessoa para me inscrever neste lar e eu vim para cá” . (IIC8)

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
A2. Relações e interações	A.2.1 Relação com os Técnicos e cuidadores	<p>“As senhoras também são muito simpáticas e fazem coisas engraçadas (...) são muito boas, muito boas! Fazem-nos muita companhia, muita companhia. (...) Não há como não gostar”. (ILC4)</p> <p>“Há alturas, por exemplo, pelo Natal e assim que não vêm todos os dias. Vão para fora, para casa delas, mas ligam sempre. Não passam muito tempo sem ligar e... Mas, quando estão aqui na escola, vêm sempre, vêm muitas vezes. E depois há a Dra. Mariana. A Dra. Mariana faz mais ginástica. Uma delas toca acordeão (...) Toca acordeão e nós às vezes até ainda conseguimos estalar os dedos um pouquinho assim, mas ainda estala os dedos”. (ILC6)</p> <p>“Aprendemos a fazer as coisinhas e gostamos de aprender com ela (...) distraímo-nos muito com ela”. (II2).</p>
	A.2.2 Relação com os outros clientes	<p>“Dou-me bem com toda a gente”. (ILC1)</p> <p>“Eu sou amiga de todos”. (ILC2)</p> <p>“Dou, dou-me bem com toda a gente, aqui dou-me bem com toda a gente”. (ILC3)</p> <p>“Apesar de eu estar aqui um pouco isolada, não estar no convívio lá em baixo na sala, sou amiga de toda a gente”. (ILC7)</p> <p>“Tenho. As pessoas que vêm, as visitas, tudo, não é? E somos nós amigas umas das outras” (ILC9)</p> <p>“Toda a gente é minha amiga, nunca fiz mal a ninguém”. (IIC3)</p> <p>“Aqui a gente tem de se dar bem, temos de fazer por isso!”. (IIC4)</p> <p>“Eu tenho bom feitio, dou-me com toda a gente!” (IIC6)</p> <p>“Agora gosto, são muito minhas amigas, é verdade”. (IIC5)</p> <p>“Tenho aqui este meu colega, estamos sempre os dois, vamos dar passeios”. (ILC4)</p> <p>“Aqui sou eu e aquele senhor. De resto não...” (ILC5)</p> <p>“[Tenho amigos aqui] só não tenho um”. (IIC1)</p> <p>“eu não sou inimiga; nada contra ninguém. Mas o senhor sabe, onde há muita gente...” (IIC7);</p> <p>“[dou-me bem com toda a gente] menos com um”. (IIC8)</p> <p>“Tenho [vários amigos]. Mas há várias pessoas (...) que são um bocado assim falsas. O que ouvem aqui, contam além. E eu não gosto disso.” (IIC9)</p>

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS IDOSO (Cont.)
(Entrevistas a dezoito idosos)

TEMA B – Atividades de Animação sociocultural

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
B1. Dinamização das atividades	B1.1 Responsáveis pela animação sociocultural	<p>“São professores que vêm cá. Não são elas, são professores que vêm fazer esse serviço”. (ILC2)</p> <p>“São as meninas [referindo-se às voluntárias]”. (IL4)</p> <p>“É a D. M. que faz a educação física.” (ILC4)</p> <p>“A menina P. que nos ensina a pintar” (II2)</p> <p>“Vem um Sr. de Foz Coa fazer ginástica” (II7)</p>
	B1.2. Tipo de atividades	<p>“faz muita coisa, muita coisa de mãos aqui no lar ela trabalha sempre, ela tem sempre que fazer, ela tem sempre alguma coisa para nós.” “...as atividades que eu nos pode dar e pronto para a semana vamos para a praia, segundo ela já falou aí, e pronto temos várias saídas de vez em quando lá aparece uma saída, a gente vai.” (ILC1)</p> <p>“à segunda temos português, à terça matemática, à quarta informática, à quinta música e à sexta ginástica.” (ILC2)</p> <p>“Olhe fazemos renda, fazemos malha, no Carnaval fizemos umas marchas, e eu vou a tudo, no Carnaval e agora no S. João. No Carnaval também nos mascaramos e eu alinho em tudo.” (ILC3)</p> <p>“Temos ginástica... Também os jornais, a música, os jogos - jogamos muitas vezes e pronto mais coisas. Há uns tempos fomos ver o futebol e pronto.” (ILC4)</p> <p>“Ginástica.” (ILC5)</p> <p>” ... passear até à universidade, fazemos ginástica ... vamos passear.” (ILC6)</p> <p>“Ginástica, jogos, cânticos que elas fazem... Rezam o terço também todos os dias.” (ILC7)</p> <p>“Cantamos. Cantamos. Vem cá uma senhora rezar o terço.” “...Ginástica”. (ILC8)</p> <p>“São muitos... São muitos jogos ou fazer tricot ou várias coisas. Ou música que a gente faz. A gente faz muita a música aqui para distrair.” (ILC9)</p> <p>“... só é assim para pinturas.” (IIC1)</p> <p>“Que mais fazemos aqui. Aquilo ali (quadros, pinturas) olhe.” (IIC2)</p> <p>“Olhe pintar, olhe fizemos aqueles quadros, tudo, tudo o que se faz aqui eu gosto.” (IIC3)</p> <p>“... bordados e aquela coisa toda assim a pintar.” (IIC4)</p> <p>“Desenhámos muito.” (IIC5)</p> <p>“A fazer ginástica, a fazer quadros, a fazer, para a festinha quando cá estive o senhor bispo.” (IIC6)</p> <p>“Fazem joguinhos, fazem os jogos com feijões... A ginástica... E as tais pinturas.” (IIC7)</p> <p>“Ginástica. Ginástica e mais nada.” (IIC8)</p> <p>“E é jogos. É pinturas...” (IIC9)</p>

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
	B1.3. Frequência das atividades	<p>” Ela faz, logo que ela tenha tempo ela faz...” (ILC1) “...temos os dias da semana todos preenchidos.” (ILC2) “Faz todos os dias...” (ILC3) “Sim, sim. Eles vêm cá todos os dias. Todos os dias, elas vêm aí, as meninas.” (ILC4) “Não, não. É à quarta-feira.” (ILC5) “...elas todos os dias vêm.” (ILC6) “Fazem algumas vezes, mas eu nem sempre vou a essas atividades.” (ILC7) “E fazem ginástica todos os dias? Fazemos. Fazemos.” (ILC8) “Você todos os dias faz uma atividade? Fazemos.” (ILC9) “É todos os dias.” (IIC1) “Todos os dias fazemos atividades.” (IIC2) “Todos os dias são feitas.” (IIC3) “Quando a Patrícia pode” (IIC4) “Quando ela não vem não fazemos.” (IIC5) “É consoante pode, a menina Patrícia trabalha e para aqui vem 16h30, 17h00 até às 18h30 e fazemos muitas coisas não sei.” (IIC6) “Se ela tem vagar, a gente faz duas vezes por semana.” (IIC7) “(...) bastante? Fazem-nas muitas vezes? São. São. São, são.” (IIC8) “... Às vezes...” (IIC9)</p>
	B1.4 Benefícios das atividades	<p>”Eu acho que isto que é bom, é para nos puxar pela memória e relembrar o que aprendemos na 4.ª classe” (ILC2) “Fazem bem a tudo..., a pessoa puxa pela cabeça e tudo e pronto é útil” (ILC3) “Faz-nos bem. Nós estamos mais contentes. Passamos o dia mais contentes e pronto e é sempre bom ver, sabe que todos nós assim desenvolvemos um bocadinho” (ILC6) “Fazem bem. Há uma estamos em convívio todas, e há outra fazem-no mexer os membros.” (IIC1) “Aprende a gente a conviver melhor com todas as outras pessoas” (IIC2) “Porque a gente merece. Talvez seja isso, merecemos!” (ILC9) “Olhe por uma via estou distraída... Porque assim, quer dizer estou sempre ocupada com a minha cabeça...” (ILC) “É divertido” (ILC4) “Já faço muita ginástica aqui” (ILC5) “É reviver aquilo que já se passou há muitos anos” (ILC7) “A distrair, pois (...) A passar o tempo mais rápido” (ILC9) “Fazem bem, aprendemos a fazer as coisinhas e gostamos de aprender com ela” (IIC4) “Fazem-me mais entretida, passa o tempo mais depressa” (IIC5) “Oh tudo faz falta. Para nós que nos empata o tempo e ficam bem” (IIC6) “Ajudam-me a distrair” (IIC7)</p>

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS AOS IDOSO (Cont.)
(Entrevistas a dezoito idosos)

TEMA C – Estratégias de animação sociocultural

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
<p>C1. Adequação do tipo de atividades</p>	<p>C1.1. Atividades preferidas</p>	<p>“Gostava de fazer croché, malhas, eu gostava imenso de fazer...” (ILC1) “... gosto mais de matemática e informática.” (ILC2) “... renda, fazemos malha... eu alinho em tudo.” (ILC 3) “Olhe, eu gosto de fazer tudo. Gosto de ler, de escrever, no computador, da ginástica.” (ILC4) “... ajudo a pôr a mesa. Ponho as mesas. Estendo uma roupinha.” (ILC5) “Gosto de bordar, gosto de ler, gosto de fazer sopa de letras. Há várias atividades que eu gosto de fazer. Ler, gosto muito de ler jornais, revistas.” (ILC7) “Gosto de fazer ginástica. Gosto com uma companheira. Gosto de ler, mas já me falta um bocadinho a vista. Gosto de escrever, mas também já me falta um bocado a vista...E gostava de fazer malha. Antigamente fazia malha.” (ILC8) “Olhe faço tricot, faço ginástica. Levanto-me para fazer a ginástica, fazemos música.” (ILC9) “Gosto de fazer tudo, sabe o que estava a fazer agora? Estou a fazer umas almofadas para a minha cama. Eu agora já não posso, mas eu gostava de fazer era renda.” (IIC1) “Renda por exemplo, bordar.” (IIC2) “...tudo, tudo o que se faz aqui eu gosto.” (IIC3) ” É comer e dormir.” (IIC4) “Olhe isso, fazia na meia, remendava, fazia linhas para fazer sacos, para fazer...” (IIC5) “Para dizer assim gosto mais disto ou daquilo, gosto de fazer tudo, o que seja trabalho gosto de fazer tudo.” (IIC6) “É a ginástica, é cantar, é dançar.” (IIC7) “Gosto de fazer tudo.” (IIC8) “Gosto de pintar, de fazer jogos. Gosto de fazer os jogos. Venho à ginástica, venho à ginástica...” (IIC9)</p>
	<p>C 1.2. Características do educador social</p>	<p>“Ela aquilo que faz, faz bem, faz com carinho e faz, pronto é atividade dela, é o serviço dela, e eu acho que ela não pode fazer mais.” (ILC1) “Elas fazem tudo o que podem por nós, levam-nos a passear, arranjam isto tudo. Ainda aqui outro dia eu fui ao concurso de leitura.” (ILC2) “... ela vem sempre, ela tem sempre qualquer coisa para nos pôr a fazer, por isso.” (ILC3) “... são muito simpáticas para nós. São muito boazinhas para nós.” (ILC4) “Sei que é a pessoa que nos vem aqui dar a ginástica...” (ILC5) “Eles fazem muitas coisas, levam-nos a passear, já fomos ver o mar - às vezes vamos ver o mar, vamos passear com a carrinha e pronto.” (ILC6) “Elas fazem mais para as outras senhoras e aquelas que eu posso fazer. O que posso ir, vou.” (ILC7) “Elas fazem-nos tudo.” (ILC9) “Não, elas é que nos incentivam a nós. Elas é que trazem já na cabeça e no livro. Às vezes trazem já as coisas já mais ou menos, hoje vamos a fazer isto, amanhã vamos fazer aquilo” (IIC1) “Quando ela vem, está habituada naquilo ela é que sabe fazer aquilo.” (IIC4) “Ela é muito boazinha, muito carinhosa quando saímos assim.” (IIC5) “Muito. De todas, elas todas são minhas amigas” (IIC6) “Mas aquela senhora D. S. é uma artista, de pintura...Ela tem muitos estudos. Tem muito valor.” (IIC7) “Anda sempre a fazer coisas. O que é nós, eu não sei o que ela faz, mas sei que faz.” (IIC9)</p>

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
	C1.3. Participação nas atividades	<p>” Gosto e agora estou a fazer pouco, gosto ainda agora entrei na marcha de S. João. “... se eu puder eu vou, gosto de ir.” (ILC1)</p> <p>“Gosto de fazer tudo.” (ILC2)</p> <p>“.. tanto faço ginástica como vou para as aulas, como faço costura, assim costura vamos até para as costureiras...” (ILC3)</p> <p>“... Participamos no que podemos e fazemos à vontade.” (ILC4)</p> <p>“Olhe faço dentro daquilo... Dentro do possível.” (ILC5)</p> <p>“... fazemos ginástica, vamos passear, às vezes vamos a Salgueiros.” (ILC6)</p> <p>“...nem sempre vou a essas atividades... Mas eu também tenho estado a bordar e assim.” (ILC7)</p> <p>“Gosto de fazer ginástica. Gosto com uma companheira. Gosto de ler, mas já me falta um bocadinho a vista. Gosto de escrever, mas também já me falta um bocado a vista...E gostava de fazer malha. Antigamente fazia malha.” (ILC8)</p> <p>“D. Irene: olhe faço tricot, faço ginástica. Levanto-me para fazer a ginástica, fazemos música. Cantar de vez em quando. Dominó. Cartas.” (ILC9)</p> <p>“Mas quando posso venho, quando não posso não venho.” (IIC1)</p> <p>“Gosto de fazer. O melhor que sei e o melhor que posso.” (IIC2)</p> <p>“... fazer tudo o que pudermos.” (IIC3)</p> <p>“... Fazemos, ainda fazemos uns trabalhos.” (IIC4)</p> <p>“Gosto, gosto de fazer isso, gosto de me entreter, seja naquilo que for, eu gosto de me entreter seja no que for porque se estou entretida não estou sem fazer nada.” (IIC5)</p> <p>“...gosto de fazer tudo, o que seja trabalho gosto de fazer tudo.” (IIC6)</p> <p>“Eu não faço, não posso fazer muito.” (IIC7)</p> <p>“Eu gosto de fazer tudo.” (IIC8)</p> <p>“Às vezes vêm a pintar e eu não quero vir. Não me apetece vir. Outras vezes também fazem jogos, também não quero vir. Mas agora já venho mais.” (IIC9)</p>
	C1.4. Adequação das atividades às suas características	<p>“Eu acho que sim que são adequadas” (ILC1)</p> <p>“Gosto das atividades e consigo fazer tudo!” (ILC2)</p> <p>“Sim, sim. Eu consigo fazer tudo...” (ILC4)</p> <p>“Eu acho que sim [que são adequadas].” (ILC5)</p> <p>“Sim, [são adequadas]. Não tenho problemas!” (ILC6)</p> <p>“Eu estou sempre pronta para o que der e vier” (IIC6)</p> <p>“É o que eu lhe digo. Algumas não são para mim” (IIC7)</p> <p>“Não...gostaria de fazer tudo, a ver se melhorava mais um bocadinho” (IIC8)</p> <p>“Não, porque isso os jogos são mais para as crianças. É mais para as crianças. Não é para mim que já sou desta idade. Para mim são outras coisas. Olhe, sabe o que gosto de fazer? Gostava de por uma horta. Andar na horta, regar, cavar. Fazer tudo. Colher. Gostava muito de hortas!” (IIC9)</p> <p>“Não, não me puxa muito, mas como para não desgostar [as educador socialas] porque elas estão aqui é para nos dar trabalho, então faço as atividades” (IIC1)</p>

Anexo V: Questionários aos Técnicos

Adequação das Actividades de Animação Sociocultural nos Lare...

<https://docs.google.com/forms/d/1SI5q-MjAXzVhyOge137ciFa...>

Adequação das Actividades de Animação Sociocultural nos Lares de Terceira Idade

O presente questionário foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Dissertação do curso de Mestrado em Educação Social da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Bragança. O objetivo desta investigação é analisar a adequação das actividades Socioculturais para idosos. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e apenas utilizados em âmbito académico.

* Required

Questões Sóciodemográficas

1. Sexo.

Mark only one oval.

- Masculino
 Feminino

2. Idade.

Mark only one oval.

- 20 aos 30 anos.
 30 aos 40 anos.
 40 aos 50 anos.
 50 aos 60 anos
 Mais de 60 anos.

3. Habilitações literárias e tipo de formação.

4. Indique, assinalando a resposta correcta, o intervalo de anos que corresponde ao tempo que trabalha na instituição.

Mark only one oval.

- Menos de 1 ano
 De 1 a 5 anos
 De 6 a 10 anos.
 De 11 a 15 anos
 De 16 a 20 anos
 Mais de 20 anos.

5. Distrito da Instituição onde trabalha actualmente.

6. Quantos clientes frequentam a instituição onde trabalha?

7. Quantos desses clientes estão acamados atualmente?

8. Quantos desses clientes participam nas actividades de animação realizadas?

Conceções sobre a relação do técnico de animação sociocultural e clientes

Das afirmações que se seguem indique o grau de adequação (assinalando a resposta correcta) que considera que deve existir, na ação de um técnico de animação sociocultural

9. Manter uma certa distância

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

10. Falar pausadamente.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

11. Referir e explicar o que pretendemos fazer.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

12. Repetir quantas vezes forem necessárias .*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

13. Ajudar e apoiar.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

14. Valorizar qualquer tipo de esforço.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

15. Ser paciente e compreensivo.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

16. Obrigar o idoso a participar nas actividades, pois são realizadas para seu beneficio.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

17. Respeitar a vontade do idoso.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

18. Manter uma atitude de calma e passividade.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

Das afirmações que se seguem indique o grau de adequação (assinalando a resposta correcta) que considera que existe na instituição onde trabalha

19. Cria um ambiente favorável e estimulante, identificando-o o mais possível com um ambiente familiar.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

20. Promove a integração de cada cliente na vida do grupo e na vida do Lar em geral.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

21. Cria as condições para que a independência e autonomia dos clientes perdurem o mais tempo possível.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

22. Proporciona a satisfação das necessidades básicas.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

23. Assegura um acompanhamento psicossocial no sentido de garantir a sua integração no ambiente em que está inserido.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

24. Promove as relações entre cliente/família.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

25. Promove as relações entre cliente/comunidade.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

Das afirmações que se seguem indique o seu grau de

adequação(assinalando a resposta correcta), tendo em conta os princípios e atitudes de um técnico de animação sociocultural.

26. Dar qualidade de vida e tratar as pessoas com humanidade.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

27. Dar qualidade de vida à pessoa, envolvendo a sua família.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

28. Dar qualidade de vida à pessoa aproximando-a do seu ambiente de vida e das suas coisas.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

29. Dar qualidade de vida aos clientes criando um ambiente de bem-estar.

Mark only one oval.

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

30. Potenciar a autonomia e a melhoria do estado geral de saúde.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

31. Dar resposta às necessidades, começando pelas básicas.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

32. Criar bem-estar e olhar pela dignidade humana.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

33. Servir a quem precisa. Dar amor e carinho e cuidados profissionais de qualidade para todas as famílias.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

34. Cuidar do cliente trabalhando em equipa multidisciplinar, promovendo auto-estima e bem-estar.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
 Muito Adequado
 Adequado
 Pouco Adequado
 Nada Adequado

35. Ajudar as pessoas. Melhorar a qualidade de vida das pessoas.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

36. Proporcionar uma vida digna às pessoas.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

37. Cuidar da promoção do Outro.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

38. Prestar apoio a idosos que, por motivos de doença ou de ciência, não possam prestar os cuidados básicos.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

39. Prestar apoio a quem não pode sair.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

40. Prestar apoio a pessoas que estejam em situação de carência afetiva.*Mark only one oval.*

- Totalmente Adequado
- Muito Adequado
- Adequado
- Pouco Adequado
- Nada Adequado

Das afirmações que se seguem, sobre as estratégias de ação a desenvolver com idosos, coloque por ordem de importância, Sendo 1- Nada Importante, 5- Importante e 10- Muito Importante.

41. Perguntar-lhes o que gostariam de fazer e querem fazer*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

42. Não desistir de trabalhar com eles, mas ao mesmo tempo não insistir demasiado*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

43. Promover jogos de estimulação sensorial.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

44. Muitos dos jogos para crianças e jovens podem ser adaptados aos idosos*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

45. Promover a participação dos idosos em visitas aos museus, teatros, cinemas.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

46. Elaborar, com eles, jornais de paredes sobre acontecimentos do Centro, das suas vidas e da comunidade, onde estão inseridos.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

47. Tentar realizar as atividades no mesmo horário no mesmo dia, não alterando muito as rotinas.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

48. Envolvê-los na organização de festas.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

49. Envolvê-los na organização de atividades gastronómicas*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

50. Incentivá-los a ver televisão.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

51. Apoiá-los na utilização da internet.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

52. Incentivá-los a participar em atividades de música.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

53. Promover jogos de estimulação da memória.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

54. Incentivá-los a participar em atividades de expressão plástica.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

55. Incentivá-los a participar em atividades de expressão físico-motora.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

56. Incentivá-los a participar em dramatizações*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

57. Promover encontros intergeracionais*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

58. Promover projetos comunitários e intergeracionais, onde os idosos sejam os mentores das atividades.*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

59. Integra-los em atividades de carácter religioso*Mark only one oval.*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nada Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito Importante

Atividades desenvolvidas, na instituição onde trabalha, no âmbito da animação sociocultural

Das atividades seguintes indique o grau de frequência em que são desenvolvidas as seguintes atividades de animação sociocultural. (Considere os níveis de frequência da seguinte forma (MF: diariamente; F: uma vez por semana; pouco frequente: uma vez por mês; NF: dois meses ou mais))

60. Visionamento de filmes*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

61. Momentos de leitura coletivos*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

62. Jogos de estimulação sensorial.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

63. Jogos lúdicos.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

64. Visitas aos museus, teatros, cinemas.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

65. Elaboração de jornais de paredes.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

66. Projetos intergeracionais, onde os idosos são os mentores das atividades.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

67. Organização de festas.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

68. Actividades Gastronómicas.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

69. Ver televisão.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

70. Utilizar a internet.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

71. Actividades de expressão musical.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

72. Actividades de expressão plástica.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

73. Actividades de estímulo de memória.

Mark only one oval.

- Muito Frequente
- Frequente
- Pouco Frequente
- Nada Frequente

74. Actividades de expressão físico-motora.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

75. Actividades teatrais e dramatizações.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

76. Encontros intergeracionais.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

77. Projetos comunitários, onde os idosos sejam os mentores das atividades.*Mark only one oval.*

- Muito Frequente
 Frequente
 Pouco Frequente
 Nada Frequente

Das seguintes atividades indique a sua percepção sobre o grau de satisfação que elas promovem no cliente

78. Visionamento de Filmes*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

79. Momentos colectivos de leitura.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

80. Jogos de estimulação sensorial.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

81. Jogos lúdicos.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

82. Visitas a museus, teatros e cinemas.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

83. Elaboração de jornais de parede.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

84. Projetos intergeracionais, onde os idosos são os mentores das atividades.*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

85. Organização de festas.*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

86. Actividades gastronómicas.*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

87. Ver televisão.*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

88. Utilizar a internet.*Mark only one oval.*

- Totalmente Satisfeitos
 Bastante Satisfeitos
 Satisfeitos
 Pouco Satisfeitos
 Nada Satisfeitos

89. Actividade de comunicação e expressão.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

90. Jogos de estimulação de memória.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

91. Actividades de expressão plástica.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

92. Actividades de expressão físico-motora.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

93. Actividades teatrais e dramatizações.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

94. Encontros intergeracionais.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

95. Projetos comunitários, onde os idosos sejam os mentores das atividades.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

96. Atividades religiosas.

Mark only one oval.

- Totalmente Satisfeitos
- Bastante Satisfeitos
- Satisfeitos
- Pouco Satisfeitos
- Nada Satisfeitos

97. Considera que as atividades que desenvolve com os clientes são adequadas, à sua situação, ao seu grau e autonomia e contribuem para um envelhecimento ativo? Porquê? *

98. Considera que há atividades mais adequadas aos clientes que se encontram em contextos diferenciados, especificamente, meio interior e litoral? Porquê? *
